Arautos do Evangelho

Nº 282 - Novembro 2026

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€ - ISSN 3051-6757

Sacralidade e sublimidade

Flashes de Fátima



Filha amada da Igreja e sua intérprete

É preciso ser bem ignorante para negar, mesmo apenas do ponto de vista prático, o poder da arte. Ela foi a auxiliar mais segura da mística e da Liturgia durante a Idade Média; ela foi a filha amada da Igreja e sua intérprete, encarregada de exprimir seus pensamentos, de expô-los nos livros, nos pórticos das catedrais e nos retábulos, para as massas.

Era ela que comentava os Evangelhos e abrasava as multidões; que as lançava, sorrindo em alegres orações, aos pés dos presépios, ou as sacudia com soluços ante os conjuntos lacrimosos dos calvários; que as fazia ajoelhar, estremecidas, quando em maravilhosas páscoas Jesus ressuscitado sorria, apoiado em sua enxada, para a Madalena, ou as erguia ofegantes, bradando de alegria, quando em extraordinárias ascensões Cristo, subindo para um Céu dourado, alçava sua mão transpassada, da qual corriam rubis, para abençoá-las.

Tudo isso está distante, infelizmente. Em que estado de abandono e de anemia se encontra a Igreja, depois que ela se desinteressou da arte e que a arte retirou-se dela! Ela perdeu seu melhor modo de propaganda, seu mais seguro meio de defesa.

Parece então que agora, quando é assaltada e faz água de todos os lados, a Igreja deva suplicar ao Senhor que lhe envie artistas, cujas obras operariam certamente mais conversões e lhe trariam mais aderentes, do que estes realejos vazios que seus padres […] vertem sobre a cabeça resignada dos fiéis do alto dos púlpitos.

HUYSMANS, Joris-Karl. *L'oblat*. Paris: P.-V. Stock, 1903, p.349-350



Leandro Souza

Cerimônia na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Sumário

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII nº 282 - Novembro 2026

Director:
Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:
Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:
Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISNN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
http://custodiosdemaria.pt/
flashesdefatima/estatuto.pdf

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:
Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da
Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

Sumário

→ Perguntam os leitores 4

→ Editorial
Asa do espírito humano 5

→ A voz dos Papas
"Via pulchritudinis", caminho para Deus 6

→ A Liturgia dominical
O rascunho e a obra de arte 8
O óleo da caridade 9
A gratidão e a revolta 10
"Meu Reino não é deste mundo"… ainda 11
Alerta permanente: vigiai! 12

→ Exemplos que arrastam
Conquistando a Inglaterra com canto e encanto 13

→ Tesouros de Mons. João
A melhor esmola para a humanidade 14

→ Tema do mês – Beleza e sacralidade
Timão da História 18
Sublimidade – Transcendendo, rumo ao Absoluto 22

→ Analisando os fatos
Construindo para a eternidade 24

→ O que diz o Catecismo?
A vocação da arte sacra 27

→ Um profeta para os nossos dias
Beleza útil e necessária 28

→ Esplendores da Civilização Cristã
Obras de Claude Lorrain – Poesias em pintura 32

→ São Tomás ensina
Deus é "pulcrífico" 35

→ Vida dos Santos
São Saturnino de Toulouse – Quem será lembrado? 36

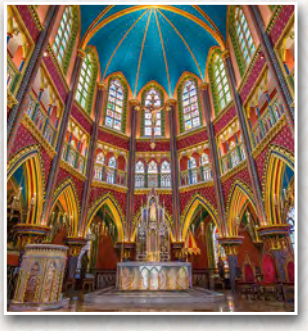
→ Dona Lucilia – Luzes de uma maternal intercessão
Ela está sempre ao nosso lado! 38

→ Você sabia… 41

→ Arautos no mundo 42

→ Espiritualidade católica
Visita às sete igrejas de Roma – Peregrinando pelas basílicas romanas 46

→ Tendências e mentalidades
A riqueza dos pobres 50



Leandro Souza

14 A esmola do belo



Mrspokito (CC by-sa 3.0)

24 Luz que perdura após o ocaso



Winniepix (CC by 2.0)

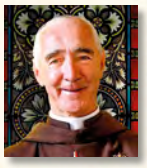
27 A arte deve se adequar à Fé?



Caba2011 (CC by-sa 4.0)

50 Uma lição do "Poverello"

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Pode haver pessoas arrependidas no inferno?

Antonio Borda (via e-mail)

Quantos obstáculos precisam ser removidos para responder a essa tão curta questão!… Só de pronunciar a palavra *inferno*, mil objeções, sentimentos e barreiras psicológicas se levantam nas mentes: "Inferno… Será que existe mesmo?" Ou: "Jesus fala realmente do inferno eterno (cf. Mt 25, 41; Mc 9, 43-48); mas será que vai gente para lá?" E a indagação mais comum: "Como pode um Deus tão bom criar um castigo tão cruel e… eterno?"

Nossa grande vantagem para responder a essa pergunta é o fato de a Santa Igreja Católica não ter nascido ontem. Ornada de uma juventude de dois mil anos, ela é muito experiente, e os problemas levantados hoje em grandíssima parte já foram considerados no passado, respondidos por grandes Doutores e definidos pelo Magistério Eclesiástico.

O *Catecismo* assim resume esse tópico: "O ensinamento da Igreja afirma a existência e a eternidade do inferno. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente, após a morte, aos infernos, onde sofrem as penas do inferno, 'o fogo eterno'" (CCE 1035). Cristalina clareza!

Sim, o inferno existe! Ele é eterno e não está vazio: pelo menos uma grande quantidade de demônios lá se encontra (cf. II Pd 2, 4)…

Ao ler tal afirmação o homem moderno, habituado a considerar tudo pelo prisma da contestação e da revolta, logo se levanta: "Não posso acreditar que Deus tenha feito isso!" Como se fôssemos mais misericordiosos do que o próprio Pai Celeste!

Antigamente a humanidade aceitava a doutrina de que os homens maus vão para o inferno; em nossos dias, se há inferno, é porque mau mesmo, no fundo, é Deus… Que inversão de valores!

Cabe considerar que "a misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus pelo arrependimento rejeita o perdão dos seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo. Semelhante endurecimento pode levar à impenitência final e à perdição eterna" (CCE 1864).

Sim, ir para o inferno é culpa do condenado… não de Deus!

Ademais, continua explicitando o *Catecismo*: "O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, como o próprio amor. Acarreta a perda da caridade e a privação da graça santificante, isto é, do estado de graça. Se este estado não for recuperado mediante o arrependimento e o perdão de Deus, causa a exclusão do Reino de Cristo e a morte eterna no inferno, já que nossa liberdade tem o poder de fazer opções para sempre, sem regresso" (CCE 1861).

O problema é que hoje tudo tende a ser descartável, e o homem moderno quer colocar prazo de validade até na condenação eterna…

Mas, afinal, pode ou não haver pessoas arrependidas no inferno?

O único arrependimento capaz de livrar alguém do inferno é o que nasce do reconhecimento contrito de se ter ofendido a Deus, com propósito de mudança de vida e abertura confiante à misericórdia divina. Ora, isso não existe no inferno! Pode haver um remorso revoltado, inconformado e endurecido, mas sem desejo de perdão.

O *Catecismo* assume as palavras de São João Damasceno: "Não existe arrependimento para eles (anjos) depois da queda, como não existe para os homens após a morte" (CCE 393).

Sabe por que, Antonio? Porque o inferno e o Céu, de alguma forma, já começam nesta terra. Quem se habitua a ofender a Deus durante a vida, vai cada vez mais se endurecendo no mal, a ponto de desprezar o perdão aqui e até depois da morte, se este lhe fosse oferecido. É o "mistério da iniquidade" (II Ts 2, 7).

Que Maria Santíssima, a Porta do Céu, nos obtenha a graça de viver santamente, sempre mantendo o estado graça em nossas almas e pedindo perdão quando necessitarmos!



Asa do espírito humano

Existem misteriosas e admiráveis relações entre determinadas cores, formas, sons, perfumes e sabores, de um lado, e certos estados de alma, de outro.

Uma pessoa, por exemplo, que fique encerrada numa sala com exageradas tonalidades rubras, é impactada em seu ânimo por certa febricitação. Aspirar o perfume do incenso ou inalar o odor de gases tóxicos acaba tendo efeitos não apenas nos pulmões, mas também na própria mentalidade. Os ruídos frenéticos das megalópoles contrastam diametralmente com o apaziguador silêncio dos claustros.

O princípio de que elementos físicos influenciam o espírito – base daquilo que chamamos de *marketing* – conduz a duas posições: a defensiva, que visa não se deixar manipular; e a ofensiva, a qual se centra em aproveitar tal realidade para a busca, individual e coletiva, da santidade.

Isso porque, como comprovará o leitor nas páginas que se seguem, é possível usar das formas, coloridos, fragrâncias etc. para criar ambientes que aplainem o caminho do amor a Deus. É essa, aliás, a missão mais alta e basilar da sociedade temporal: organizar a terra de modo a ser reflexo da Pátria Celestial. Tal visão quiçá se choque com uma concepção materialista da realidade. Mas perguntar-se se a ordem temporal tem algum papel na senda para a eternidade equivale a inquirir se toda a obra que Deus fez em seis dias interessa à salvação…

São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. I, q.2, a.3), ciente de que, sim, a criação material deve calçar o caminho que conduz ao Reino dos Céus, mapeou essa avenida ao descrever a quarta via para a prova da existência de Deus. Quando afirmamos que algo é mais belo ou menos belo, estabelecemos uma graduação de belezas. Ora, essa graduação só se estabelece em função de um máximo, de uma Beleza Suprema que sirva de parâmetro e seja causa de tudo o que é belo. Portanto, toda a hierarquia de belezas forma, a bem dizer, uma escada que transporta ao Belo por essência: o próprio Deus.

Ora, se a Igreja apresenta-se como caminho da salvação – pois assim a constituiu Aquele que é o Salvador e o Caminho (cf. Jo 14, 6) – pertence, porém, à ordem secular pavimentar essa estrada que culmina no Altíssimo. A Igreja é a escada de Jacó que leva ao Trono do Senhor (cf. Gn 28, 12). A sociedade temporal é, por sua vez, seu corrimão; corrimão dourado, nobre e forte, que deve não só impedir a queda, mas atrair os peregrinos à subida.

Nos mais altos degraus dessa escada de belezas encontramos a sublimidade, aquele último nível de *pulchrum* que já toca em Deus. E, quando tem uma função sagrada ou nos fala muito explicitamente do Criador, esse sublime requinta-se no sacral, fina ponta da sublimidade. Cabe, pois, à sociedade temporal tornar visível a Beleza invisível por meio do sublime e da sacralidade.

Deus confiou ao homem a tarefa de completar a obra da criação, e um meio privilegiado para isso consiste em tornar a quarta via de São Tomás sempre mais "transitável". É missão nossa voltar a pavimentá-la, incrustar de novo nesta escada do Paraíso o corrimão dourado.

Se, em nossos dias, torna-se sempre mais difícil convencer pela via da verdade – quão vilipendiada –, se faz-se tão desafiador mover pelo bem – quão relativizado –, é necessário lançar o homem ao Altíssimo por meio da beleza, asa indefectível do espírito humano.



Sainte-Chapelle, Paris

Foto: Diego Delso (CC by-sa 4.0)

“Via pulchritudinis”, caminho para Deus

Tão próxima de Deus e tão acessível aos homens, a beleza foi sempre um elo que uniu terra e Céu, tempo e eternidade.

Além do que os sentidos captam

A beleza é a expressão visível do bem, do mesmo modo que o bem é a condição metafísica da beleza. Justamente o entenderam os gregos, quando, fundindo os dois conceitos, cunharam uma palavra que abraça a ambos: *kalokagathía*, ou seja, beleza-bondade. A este respeito, escreve Platão: “A força do bem refugiou-se na natureza do belo” (*Filebo*, 65A). […]

Toda a intuição artística autêntica ultrapassa o que os sentidos captam e, penetrando na realidade, esforça-se por interpretar o seu mistério escondido. Ela brota das profundidades da alma humana, lá onde a aspiração de dar um sentido à própria vida se une com a percepção fugaz da beleza e da unidade misteriosa das coisas.

SÃO JOÃO PAULO II.
Carta aos artistas, 4/4/1999

Reflexo da infinita beleza de Deus

O homem e todas as suas ações devem manifestar, em louvor e glória do Criador, a infinita perfeição de Deus, e imitá-la tanto quanto possível. Por isso o homem, destinado por sua natureza a alcançar esse fim supremo, deve, no seu agir, conformar-se ao divino arquétipo, e nessa direção orientar todas as faculdades da alma e do corpo, ordenando-as retamente entre si e devidamente domando-as para alcançar o fim.

Portanto, também a arte e as obras artísticas devem ser julgadas com base na sua conformidade com o fim último do homem; e, por certo, deve a arte contar-se entre as mais nobres manifestações do engenho humano, porque atinente ao modo de exprimir por obras humanas a infinita beleza de Deus, de que é ela o revérbero.

PIO XII. *Musicæ sacræ disciplina*, 25/12/1955

Participação no poder criador de Deus

Deus chamou o homem à existência, dando-lhe a tarefa de ser artífice. Na “criação artística”, mais do que em qualquer outra atividade, o homem revela-se como “imagem de Deus”, e realiza aquela tarefa, em primeiro lugar plasmando a “matéria” estupenda da sua humanidade e depois exercendo um domínio criativo sobre o universo que o circunda. Com amorosa condescendência, o Artista Divino transmite uma centelha da sua sabedoria transcendente ao artista humano, chamando-o a partilhar do seu poder criador.

SÃO JOÃO PAULO II.
Carta aos artistas, 4/4/1999

Arte sacra: fundamento de toda arte

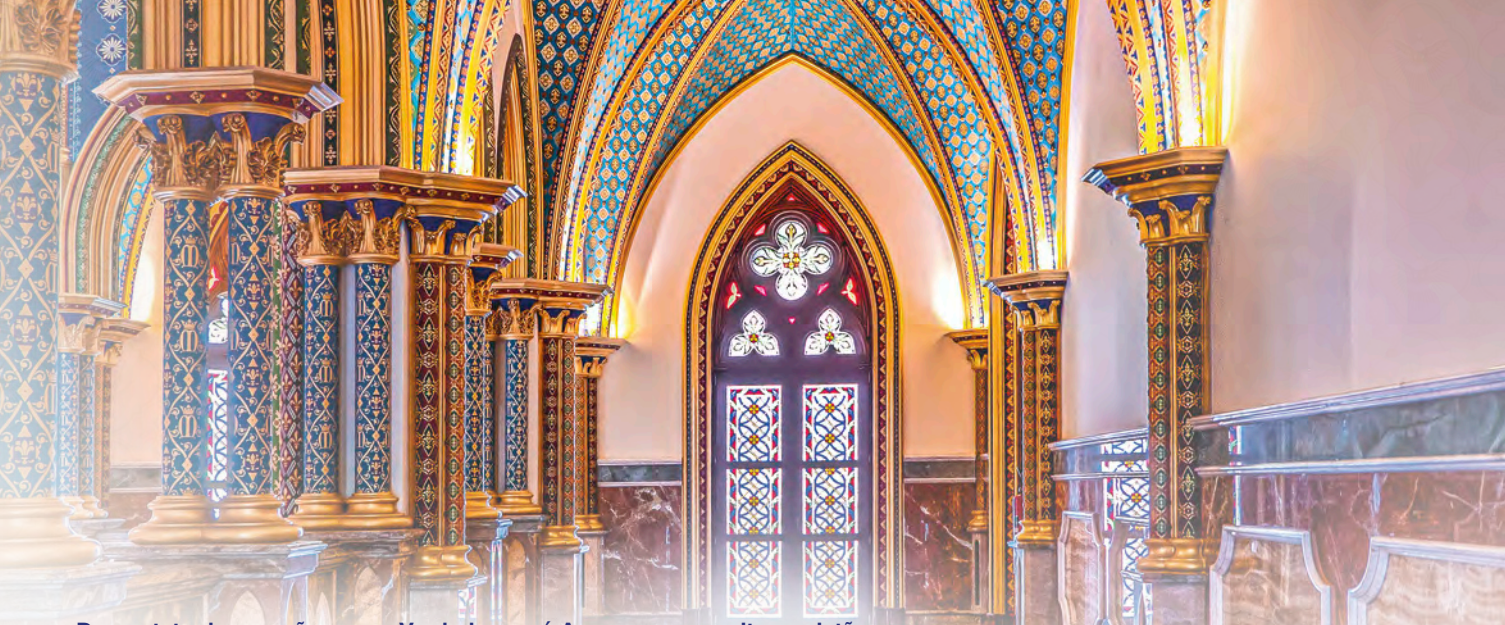
As artes, ao tender para Deus, modelo eterno de toda beleza, do qual procedem as espécies e as formas singulares que há na natureza das coisas, afastam-se com mais facilidade do vulgar e expressam com muito mais força a realidade captada pela mente, no que consiste a vida da arte. Não se pode dizer quanto bem tem feito a arte posta a serviço da religião, ao oferecer a Deus tudo quanto em sua riqueza e variedade, beleza e elegância de formas há de mais digno. Eis a origem da arte sacra, na qual se fundamentaram e ainda se fundamentam todas as artes profanas.

SÃO PIO X.
Iucunda sane, 12/3/1904

Alimento para a fé, decoro da Liturgia

A arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isto, sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério. […] Quantas composições sacras foram elaboradas, ao longo dos séculos, por pessoas profundamente imbuídas pelo sentido do mistério! Crentes sem número alimentaram a sua fé com as melodias nascidas do coração de outros crentes, que se tornaram parte da Liturgia ou pelo menos uma ajuda muito válida para a sua decorosa realização.

SÃO JOÃO PAULO II.
Carta aos artistas, 4/4/1999



Do contato do coração com a Verdade que é Amor nasce a cultura cristã. E se a fé permanecer viva, também esta herança cultural não morrerá

Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

Arquivo Revista

Fé: condição para a vida da cultura

Deste contato do coração com a Verdade que é Amor nasce a cultura, nasceu toda a grande cultura cristã. E se a fé permanecer viva, também esta herança cultural não morrerá, mas permanecerá viva e presente. Os ícones falam também hoje ao coração dos fiéis, não são realidades do passado. As catedrais não são monumentos medievais, mas casas de vida, onde nos sentimos "em casa": encontramo-nos com Deus e encontramo-nos uns com os outros. Nem sequer a grande música – o gregoriano, ou Bach, ou Mozart – é algo do passado, mas vive da vitalidade da Liturgia e da nossa fé. Se a fé for viva, a cultura cristã não se tornará algo do "passado", mas permanecerá viva e presente.

BENTO XVI.
Audiência geral, 21/5/2008

O Evangelho é fonte de inspiração para a arte

O artista vive sempre à procura do sentido mais íntimo das coisas; toda a sua preocupação é conseguir exprimir o mundo do inefável. Como não ver então a grande fonte de inspiração que pode ser, para ele, esta espécie de pátria da alma que é a religião? Não é porventura no âmbito religioso que se colocam as questões pessoais mais importantes e se procuram as respostas existenciais definitivas? […] O Cristianismo, em virtude do dogma central da Encarnação do Verbo de Deus, oferece ao artista um horizonte particularmente rico de motivos de inspiração. Que grande empobrecimento seria para a arte o abandono desse manancial inexaurível que é o Evangelho!

SÃO JOÃO PAULO II.
Carta aos artistas, 4/4/1999

"Via pulchritudinis", itinerário de fé

O que pode voltar a dar entusiasmo e confiança, o que pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar uma vida digna da sua vocação, a não ser a beleza? […] Precisamente pela sua característica de abrir e alargar os horizontes da consciência humana, de remetê-la para além de si mesma, de aproximá-la ao abismo do Infinito, pode tornar-se um caminho para o transcendente, para o mistério último, para Deus. […]

Fala-se, a este propósito, de uma *via pulchritudinis*, um caminho da beleza que constitui ao mesmo tempo um percurso artístico, estético, e um itinerário de fé, de busca teológica. […] Portanto, o caminho da beleza conduz-nos a colher o Tudo no fragmento, o Infinito no finito, Deus na História da humanidade.

BENTO XVI.
Discurso, 21/11/2009

Resposta às grandes inquietudes da humanidade

O desejo do bem, da beleza, da verdade está enraizado no "DNA da humanidade"; e é a partir dessa aspiração profundamente humana e da nossa experiência plurissecular que a Igreja propõe caminhos para uma vida digna e para o bem comum. […] A Igreja partilha com humildade, mas também com firmeza, aquilo que descobriu na experiência da fé: que Jesus Cristo responde às grandes perguntas sobre a vida humana e a sua plenitude, já neste mundo e até ao seu ápice na eternidade. […]

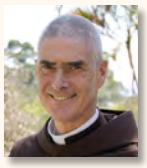
E precisamente porque *cultura* evoca *cultivo*, como sugere a raiz etimológica que ambos os termos partilham, somos chamados a perguntar-nos: o que semeamos hoje? O que floresce e o que murcha silenciosamente na nossa sociedade? Que valores estamos a preservar e quais estamos a deixar morrer? São perguntas profundas, necessárias, que não podem ser ignoradas.

LEÃO XIV.
Discurso, 7/6/2026

1º de novembro – Solenidade de Todos os Santos

(Ap 7, 2-4.9-14; Sl 23; I Jo 3, 1-3; Mt 5, 1-12)

O rascunho e a obra de arte



Pe. Mario Beccar Varela, EP

Entre o esboço divino e a obra acabada, a vida espiritual de cada cristão é construída pela graça, pela purificação e pela constante confiança

Quem tem um projeto e se lança a realizá-lo guarda sempre uma certa ideia do resultado final. Durante a execução, o autor verifica constantemente se a obra aproxima-se de sua intenção original.

A essa regra de sabedoria prática não poderia escapar a Sabedoria Eterna ao nos criar, tendo por meta a nossa plena santificação. Mas em que consiste a santidade consumada? Na beatitude celeste, a qual é atingida precisamente por meio das oito bem-aventuranças proclamadas nesta Solenidade.

No momento em que nascemos, Deus como que nos entrega um "rascunho" de um quadro maravilhoso, o qual deverá ser completado ao longo das nossas vidas – ou mesmo após seu término, no Purgatório – até o acabamento perfeito. Quem, na hora da morte, apresenta seu quadro inteiramente concluído é declarado "bem-aventurado" – a oito títulos – pelo Divino Juiz.

Por exemplo, os puros de coração chegarão à visão claríssima de Deus, promessa cumprida por Ele na vida eterna, mas já iniciada nesta vida. Conforme explica São Tomás, "esses prêmios, de que o Senhor aqui trata, podem ser obtidos de dois modos, isto é, perfeita e consumadamente, e assim apenas na pátria; incoativa e imperfeitamente, e assim pelos que estão a caminho – *in via*. Por isso os Santos têm um certo começo daquela bem-aventurança".[1]

Quem não atinge o nível dessa bem-aventurança específica não terá elevado "grau de visão", conforme o *lumen gloriæ*. Na casa do Pai há muitas moradas: alguns verão mais perfeitamente, outros menos. Segundo explana São Boaventura,[2] a nossa natureza está deformada pela culpa, mas reformada pela graça, de modo que devemos purificá-la para subir a Deus.

O mesmo princípio se aplica às outras bem-aventuranças. Os aflitos – Jesus Se refere àqueles que sofrem aflição por amor a Deus, ou seja, a quem se aflige por vê-Lo ofendido, por não O ver amado como merece – serão consolados, nesta vida e na outra, pela confiança a toda prova. O coração deles "repousa em Deus". Nada os inquieta pois, como afirma Santo Agostinho, "criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Vós".[3]

Assim sendo, o Evangelho das bem-aventuranças nos estimula a impetrar a Deus, com o salmista: "Completai em mim a obra começada" (Sl 137, 8) e "Não me leveis na metade de meus dias" (Sl 101, 25). Esse é o pedido que durante toda a nossa vida devemos fazer ao Divino Espírito Santo, por intercessão de Nossa Senhora.

Eis a realidade: em sua bondade infinita, o Criador nos propõe a cada instante a contribuição da sua graça, sendo por isso mesmo o verdadeiro Autor da nossa santificação. A "obra de arte" espiritual que devemos completar antes de ser convocados a prestar contas é tanto obra sua quanto nossa. A nós cabe, simplesmente, deixar que o Divino Pintor use o "pincel" de nossa alma segundo sua santíssima vontade.



"O pintor em seu ateliê", por Pietro Longhi - Getty Center, Los Angeles (Estados Unidos)

Reprodução

[1] SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Evangelium S. Matthæi lectura*, c.V, lect.2, n.413.

[2] Cf. SÃO BOAVENTURA. *Itinerarium mentis in Deum*, c.I, n.6.

[3] SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. L.I, c.1, n.1.

O óleo da caridade



Pe. Hélio Rufilo de Oliveira, EP

O Evangelho deste domingo é parte do sermão proferido por Nosso Senhor no Monte das Oliveiras, pouco antes da Paixão, após ter saído do Templo e profetizado que dele não sobraria pedra sobre pedra. Trata-se de uma resposta cheia de parábolas, dirigida aos discípulos, que Lhe haviam perguntado: "Qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo?" (Mt 24, 3).

A nota tônica do sermão é a exortação à vigilância no dia a dia, aguardando o fim de *um* mundo – a morte de cada um de nós e o comparecimento diante de Deus – e o fim *do* mundo terreno, quando o próprio Senhor "há de vir a julgar os vivos e os mortos", como proclamamos no Credo.

É o que encontramos na parábola das cinco virgens previdentes e cinco virgens imprevidentes ou, como versa o latim, *fatuæ* – loucas, néscias, insensatas. A narração se circunscreve a uma das etapas do matrimônio celebrado entre os judeus.

Após acordos legais entre as famílias dos nubentes, cabia ao noivo preparar o novo lar. Concluídos todos os trâmites, ele se dirigia até a residência da noiva para conduzi-la à casa recém-formada em um cortejo noturno, durante o qual as damas de honra – as virgens – portavam lâmpadas para iluminar o trajeto. Chegando ao local, diante de dez testemunhas pronunciavam-se as bênçãos próprias e se efetivava a união matrimonial. Nos sete dias seguintes ocorriam as bodas.

Ora, na parábola de Nosso Senhor, onde está a noiva?

Não é identificada apenas por uma pessoa porque a representam as dez virgens em conjunto, indicando toda a Igreja militante, como argumenta Santo Agostinho,[1] a qual caminha para o desponsório eterno, ainda não consumado.

Toda alma cristã recebe o título de *virgem* – como enuncia São Paulo: "Eu vos apresentei a Cristo como virgem pura" (II Cor 11, 2) –, porque deve conservar a integridade da fé e a pureza do coração, que a levam a abster-se do mau uso dos sentidos, afastando-se da iniquidade e praticando as boas obras, simbolizadas pelas lamparinas.

Mas não basta que essas lamparinas brilhem "diante dos homens" (Mt 5, 16a); é necessário que sua luz leve os demais a glorificar o "Pai que está nos Céus" (Mt 5, 16b). Em outras palavras, nossas ações precisam remontar ao fim último, ou seja, ao próprio Deus. Portanto, as obras que perduram além do sono da morte – momento em que todos nós, sejamos virgens previdentes ou imprevidentes, "cochilamos" e "dormimos" – são aquelas que brotam de um coração cheio de piedade, que sempre porta óleo da caridade consigo.

Aproveitemos enquanto estamos despertos para estocar esse óleo e, assim, entrar com o Noivo nas núpcias eternas, onde, findas as inseguranças e aflições deste vale de lágrimas, cumprir-se-á o que canta o Salmo: "A minha alma será saciada, como em grande banquete de festa" (62, 6).

Não basta que nossas lamparinas brilhem "diante dos homens"; sua luz deve levar os demais a glorificar o "Pai que está nos Céus"

[1] Cf. SANTO AGOSTINHO. *Sermão 93*, n.2.



Ricardo Castelo Branco

As virgens prudentes - Igreja Trinità dei Monti, Roma

A gratidão e a revolta



Pe. Lucas Garcia Pinto, EP

Num mundo que proclama uma falsa igualdade, Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensina que Deus outorga dons de forma desigual

A vida de Nosso Senhor Jesus Cristo nesta terra estabeleceu um antes e um depois na História, e influenciou a humanidade em todos os aspectos, inclusive em nosso vocabulário. A prova disso é a parábola dos talentos, proclamada neste domingo. De tal maneira o ensinamento do Divino Mestre marcou a alma humana para todo o sempre que a palavra *talento* passou a ter um novo significado.

Nos tempos de Jesus o talento era, além de unidade de peso, uma medida monetária e possuía o valor de seis mil denários. Considerando que se pagava um denário por uma jornada de trabalho (cf. Mt 20, 1-2), e que um homem comum trabalhava cerca de trezentos dias num ano, um único talento equivalia a pouco mais de vinte anos de labor! Portanto, a cena criada pelo Salvador retrata a benevolência e a dadivosidade d'Ele para com a humanidade, completamente gratuitas, imerecidas e desproporcionais.

Notória é, ademais, a desigualdade com que o Senhor entrega seus dons. O mundo hodierno apregoa o igualitarismo completo, doutrinando sucessivas gerações na ojeriza à hierarquia, na utopia do subtrair de quem tem mais para entregar ao que tem menos, e no intuito de nivelar por baixo todos os homens. O Homem-Deus pensa muito diferente!…



Parábola dos talentos - Igreja de Santa Maria e São Nicolau, Spalding (Inglaterra)

Michael Garlick/www.geograph.org.uk (CC by-sa 2.0)

Na parábola, o patrão dá verdadeiras fortunas aos três servos, inclusive àquele que recebe menos, entregando "a cada qual de acordo com sua capacidade" (Mt 25, 15). À semelhança de alguém que preenche distintos recipientes com um precioso líquido, Deus também outorga plenamente seus dons a todos, segundo a medida que cada um pode conter.

Quem é melhor? Aquele que recebe mais, ou o que recebe menos? No caso concreto, o menos favorecido foi o mais perverso… porque a bondade não está nos números nem nas quantias, mas sim na fidelidade ao senhor. Isso se manifesta na atitude do primeiro servo: "O empregado que havia recebido cinco talentos saiu logo, trabalhou com eles e lucrou outros cinco" (Mt 25, 16). Ele atua com prestatividade e dedicação, empregando os talentos que ganhou para dar frutos a seu amo. E, "do mesmo modo, o que havia recebido dois [talentos] lucrou outros dois" (Mt 25, 17).

Já no alegado "medo" do terceiro servo encontramos o disfarce de um profundo egoísmo e um oculto espírito de revolta. Ele não só despreza o patrão ao enterrar o talento recebido, mas ainda busca inocular seu ressentimento nos demais, incriminando-o em público da culpa por sua própria maldade: "És um homem severo" (Mt 25, 24). Segundo sua visualização distorcida, o senhor é o culpado por seus fracassos, e ele, a vítima dos dons recebidos.

Na parábola dos talentos, Jesus eternizou duas famílias de almas: a daqueles que, levados pela gratidão, empenham-se em retribuir a bondade divina por meio da dedicação e do serviço a seu Reino; e a dos igualitários, revoltados e insubmissos, ingratos à generosidade de Deus, que buscam culpá-Lo por seus próprios erros. Aos primeiros será dado mais e terão em abundância, mas para os últimos "haverá choro e ranger de dentes" (Mt 25, 30).

"Meu Reino não é deste mundo"... ainda



Pe. Antonio Jakoš Ilija, EP

O Divino Redentor é Rei por direito adquirido em virtude de sua Paixão, mas o é também em razão de sua onipotência, exercendo o império nos Céus e na terra. Nesta, porém, não Se impõe aos pecadores que O rejeitam. Por misericórdia, concede-lhes um tempo de graça para a conversão.

Este mundo é, portanto, o bastião que compete aos seus súditos fiéis conquistar. Quando Nosso Senhor afirmou ao infame Pilatos "Meu Reino não é deste mundo" (Jo 18, 36), não ditou uma sentença definitiva, mas proclamou que seu Reino universal abarcaria o mundo também, atendendo à súplica que Ele mesmo elevou ao Pai Eterno: "Venha a nós o teu Reino" (Mt 6, 10).

Em parte, esse Reino já veio: ele existe na Santa Igreja Católica, instituição imortal nascida do costado ferido pela lança de Longinos, quando o Rei expirava na Cruz. Mas o Reino definitivo chegará algum dia? Certamente. A oração do Pai-Nosso, prece perfeita proferida pelo Filho ao Pai, não é condicional.

No Antigo Testamento parece discernível um como que prenúncio do Pai-Nosso na frase do Salmo: "Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra" (103, 30). Há também a promessa de São Luís Grignion de Montfort[1] acerca da futura vinda do Reino de Maria. Contudo, parece que a plenitude do reinado de Cristo ainda está por se concretizar neste mundo, não por falta de poder d'Ele, mas pela contingência das criaturas em se conformarem inteiramente com o Criador.

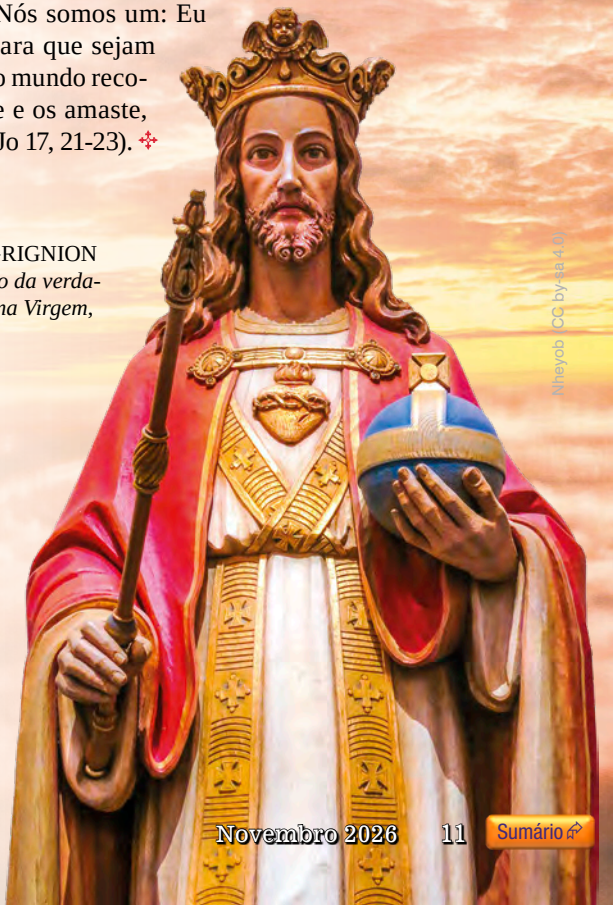
Jesus não pode ser rebaixado ao nível de um Herodes, reinando sobre súditos que louvam a Barrabás. O ornato digno de um rei é ter súditos à altura de sua grandeza. Se Nosso Senhor tivesse aceitado ser coroado no Domingo de Ramos, estaria atentando contra sua própria majestade, pois seria o Senhor de criminosos, interesseiros, usureiros, pecadores, blasfemos, sacrílegos, usurpadores, politiqueiros, cínicos, invejosos, caluniadores, traidores, conspiradores…

Ele quis ser Rei para trazer alegria a seus súditos, sem poupar nenhum sacrifício para isso, a tal ponto que o único pedido negado ao Filho-Rei pelo Pai foi: "Se for possível, afasta de Mim esse cálice" (Mt 26, 39). Até esse ponto chega o amor infinito de Deus pelos homens.

A perfeita alegria que Nosso Senhor deseja para nós consiste na plena conformação com Ele. Atingido esse objetivo, o Reino de Cristo estará instaurado e seus súditos participarão de um gáudio que – maravilha misteriosa e insondável da dadivosidade de Deus – tem algo de infinito ainda não desvendado pela Teologia. Eis o que Jesus pede ao Pai:

"Para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste. Dei-lhes a glória que Me deste, para que sejam um, como Nós somos um: Eu neles e Tu em Mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que Me enviaste e os amaste, como amaste a Mim" (Jo 17, 21-23).

O ornato digno de um rei é ter súditos à altura de sua grandeza



Nheyob (CC by-sa 4.0)

Cristo Rei - Catedral de Santa Maria da Imaculada Conceição, Peoria (Estados Unidos)

[1] Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.217.

Alerta permanente: vigiai!



Pe. Rafael Ramón Ibarguren Schindler, EP

É de absoluta necessidade que não fracassemos no empenho de alcançar a glória, sob pena de termos vivido inutilmente

O tempo litúrgico que celebramos ao longo do ano torna presente nas almas dos fiéis as graças específicas dos diversos acontecimentos da História da salvação nele rememorados. Portanto, não se trata apenas, nem principalmente, da evocação de fatos pretéritos, mas sim da representação – no sentido de tornar de novo presente – de algo antes latente.

Como sabemos, o Advento aponta para o evento natalino, bem como para a segunda vinda do Senhor, grande expectativa da Igreja. É um tempo entranhadamente mariano, pois foi por meio de Maria que Jesus veio ao mundo, a este mundo cujos dias acabarão no fim dos tempos, quando o Filho da Virgem vier encerrar a História e julgar os vivos e os mortos.

A incerteza é uma nota saliente do acontecer neste vale de lágrimas: imprevistos, desilusões, desmentidos, esperas infindáveis ou surpresas pouco agradáveis… todo tipo de contingências. Contudo, temos em nossa vida cotidiana uma certeza ineludível: a eternidade nos espera e acabará abraçando-nos definitivamente. Com efeito, seremos colocados à direita ou à esquerda do Supremo Juiz (cf. Mt 25, 31-46), o que significa apenas duas opções: a elevação ao Céu, para gozarmos da visão beatífica por toda a eternidade, ou a fatal queda no inferno. *Tertium non datur*: não há uma terceira possibilidade.

Portanto, é de absoluta necessidade que não fracassemos em nosso empenho de alcançar a glória, porque senão teremos vivido inutilmente, ofendendo a Deus e arruinando seu projeto. O dilema se revela da maior importância. Por isso o Evangelho deste domingo é tão claro, conciso e insistente em nos estimular a vigiar sem tréguas, pondo-nos em estado de contínua atenção.

Engana-se quem pensa que basta a oração para alcançar de Deus as graças das quais precisamos. Em outro trecho do Evangelho, o mesmo São Marcos compila estas palavras do Senhor: "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação! O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (14, 38). Lição semelhante nos dá a tão conhecida parábola das virgens prudentes e das néscias (cf. Mt 25, 1-13). Sim, a vigilância precede o exercício da oração, e este último requer necessariamente a cautela em predispor o espírito para que ela seja fecunda, e não algo ocasional ou de mera rotina.

A falta de vigilância na espera do senhor – ou, como narra outra parábola, o descuido para não sucumbir ante a chegada do ladrão (cf. Mt 24, 43) – é o que se põe em realce no Evangelho de hoje: "Vigiai, portanto, porque não sabeis quando o dono da casa vem: à tarde, à meia-noite, de madrugada ou ao amanhecer. Para que não suceda que, vindo de repente, ele vos encontre dormindo" (Mc 13, 35-36).

Este "dormindo" se refere ao sono orgânico do corpo, mas principalmente a um certo torpor que debilita as potências do espírito. É um "sono" que costuma associar-se ao relativismo, ditadura que desmobiliza a beligerância e predispõe a todos os compromissos com o mal.

"Vigiai!" Conselho de grande valia para cada fiel, para cada família, para cada comunidade. O Evangelho deste I Domingo do Advento conclui: "O que vos digo, digo a todos: Vigiai!" (Mc 13, 37).

"A todos". Portanto, também a você, prezado leitor destas reflexões. ✣



Reprodução

"A artilharia leve de Utah" - Guarda Nacional dos Estados Unidos

Conquistando a Inglaterra com canto e encanto

Quarenta monges beneditinos, acotovelados numa pequena embarcação, viam surgir entre as brumas do mar setentrional a ilha que almejavam conquistar, lugar terrível, que consideravam a morada dos mortos. Neste ano de 597, diante dos missionários aparecia, vestida de névoas, a Inglaterra.

A desditosa fama desse povo estendia-se até Roma, donde haviam partido os religiosos por ordem do Papa São Gregório Magno. Dizia-se que os habitantes daquela ilha comiam o coração dos inimigos, falavam uma língua sinistramente incompreensível, viviam no lugar para onde os mortos se dirigiam a fim de sofrerem as penas do inferno.

Mas os monges obedeciam a determinações pontifícias muito claras. Deviam evangelizar os anglos. O método? Entoar melodias da Igreja, em particular o que ficou mais tarde conhecido como *canto gregoriano*. E Agostinho, que capitaneava a operação e a quem invocamos hoje como Santo Agostinho de Cantuária, sabia como comover as entranhas inumanas dos homens que encontraria. Seu segredo era a manifestação da beleza.

Ao desembarcarem os filhos de São Bento nos domínios pagãos, percebendo não ser tão apocalíptica a situação, puderam obter uma audiência com o monarca Etelberto de Kent, chefe dos jutos.

O encontro foi pomposo. Na clareira de uma floresta quase intransponível, rodeado de seus pares, o soberano recebeu os religiosos. Etelberto sentia-se em casa, cercado por rudes carvalhos e por seus ainda mais rudes guerreiros, de olhar pálido e corpo enorme, descendentes dos desbravadores dos mares que, fazendo dançar famintos machados nos braços gigantes, fizeram tremer a ilha britânica por muitas décadas.

Os missionários, de sua parte, também agiram como se estivessem em casa, no mosteiro. Encaminharam-se para o rei em solene procissão cantada, precedidos por uma grande cruz de prata e por uma pintura de Cristo. E formou-se diante da estupefata corte um exército de quarenta monges que, em latim, entoavam contínuos e cativantes hinos gregorianos.



François Boulay

Cerimonial, latim e canto gregoriano: isso bastou para tirar o povo anglo do paganismo

São Gregório Magno abençoa Santo Agostinho de Cantuária - Basílica de São Patrício, Montreal (Canadá)

Todas as sutilezas do canto, todos os seus vaivéns misteriosos e loquazes, todas aquelas palavras desconhecidas enchiam a alma dos ouvintes. Os corações dos jutos estremeceram perante a beleza. Estava pronto o terreno para a pregação, e Santo Agostinho evocou longamente o mistério de um Deus que, feito Homem, deixou-Se sacrificar em morte horrenda pela salvação dos transviados: "Jesus Cristo abriu com seu Sangue, para aqueles que n'Ele acreditam, as portas de um novo Reino", concluía.

Pouco depois o Rei Etelberto foi batizado, com muitos de seus oficiais. E no Natal desse mesmo ano seriam dez mil os homens a nascerem para a graça.

Vida comunitária, latim e canto gregoriano: isso bastou para drenar os antiquíssimos pântanos de paganismo anglo-saxônico. E uma centelha de pregação lançada sobre o terreno limpo pela beleza se transformou em incêndio de fé.

Pois as palavras entram em corações abertos, mas não os abrem. Integridade de vida e Liturgia esplendorosa: eis as chaves que escancaram as almas mais irremediavelmente trancadas. Santo Agostinho de Cantuária o sabia e fez da beleza, do latim e da oração as suas armas.



A melhor esmola para a humanidade

Numa época em que o bem, o verdadeiro e o belo se retraem da face da Terra, devemos alçar ao mais alto o estandarte do "pulchrum" e ser os esmoleres das belezas de Deus.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Estando de passagem por certo lugar, ao abrir uma porta deparei-me com um gato sentado sobre as patas de trás, tendo o rabo junto às patas dianteiras e com a ponta para cima. Ele me olhava como se fosse um príncipe… Veio-me a inclinação de tirar uma fotografia para mostrar às pessoas o *pulchrum* natural existente naquele animal.

Como é possível um gato – incapaz de entender o que seja arte, estilo ou nobreza, por não ter razão – tomar postura tão impecável, com certo imponderável de elegância e distinção?

Se deixarmos o mundo dos felinos e analisarmos as abelhas, impressiona ver a extraordinária organização dos alvéolos na colmeia, bem como a tenacidade dos próprios insetos, sempre em busca das flores para delas extrair o suco necessário e depois fabricar o mel. Não acontece de uma abelha tentar libar o néctar num vaso de flores de plástico; pelo contrário, passam sem delas se aproximar, porque seu instinto lhes "informa" que são falsas.



Reprodução

Como é possível um gato tomar postura tão impecável, com certa elegância e distinção?

> *Tal como os animais têm instintos perfeitos e inerrantes, o homem possui um instinto que o leva a desejar e discernir o que é belo, bom e verdadeiro*

Os animais têm instintos perfeitos e inerrantes; mas também o homem, a mais elevada de todas as criaturas materiais, possui instintos certeiros. Se nos aproximarmos do berço de uma criança, ali encontraremos um pequenino ente, cuja inteligência e consciência ainda não se desenvolveram. Entretanto, tais são os seus instintos que, se lhe apresentarmos uma bolinha pequena e uma grande, ele escolherá a grande; se for uma bolinha branca e outra dourada, elegerá primeiro a dourada e só depois a branca.

Por que isso se passa? Por causa do senso presente em cada alma inocente, pelo qual, sem a pessoa ter ainda uso pleno da razão, já manifesta preferências e está sempre em busca do melhor e do *pulchrum*. Mais tarde, quando despertar o raciocínio, ela saberá distinguir, mesmo que ninguém a ensine, entre a verdade e a mentira, o bom e o mau, o belo e o feio.

O que é o belo?

São Tomás assim define o belo: "*Id cuius ipsa apprehensio placet*",[1] ou seja, tudo aquilo que a pessoa apreende e lhe é agradável, produzindo no fundo de sua alma uma emoção estética.

Contudo, em virtude do pecado original o espírito humano tornou-se falível e muitas vezes se equivoca, criando opiniões e gostos subjetivos distantes dos padrões da perfeição. O critério objetivo a respeito de beleza, a Escolástica também o define como o esplendor da forma sobre as partes proporcionadas da matéria.[2]

Por exemplo, um busto de Nossa Senhora talhado num bloco de mármore será objetivamente belo se a figura for

tão expressiva e íntegra que constitua um conjunto proporcionado. Se o escultor fizer um busto com apenas metade da face, ou sem o nariz, ou ainda com uma orelha enorme, não se poderá dizer que seja uma obra bela, porque lhe faltará o esplendor da forma: ela estará partida, incompleta ou desproporcional.

Tal é a definição filosófica de belo para as obras de arte. Estas atingem o padrão ideal quando belo subjetivo e objetivo se coadunam, oferecendo ao olhar que as contempla uma satisfação completa.

Se damos um passo a mais e subimos para o campo sobrenatural, temos a definição teológica de belo enquanto esplendor da verdade e esplendor da bondade. A beleza, segundo a tradição tomista, é o esplendor de todos os transcendentais reunidos.[3]



Reprodução

Por inspiração divina, Santa Joana d'Arc soube sair-se com elegância e leveza luminosas ante a malícia da pseudoinquisição que a julgava: eis o esplendor da verdade, o "pulchrum"!

"Julgamento de Santa Joana d'Arc", por Antony Serres - Museu de Belas Artes de Bordeaux (França)

Para bem entendermos o que seja o esplendor da verdade, imaginemos uma praça onde um infiel e um católico discutem. Este último dá bons argumentos, citando a Escritura, e é bonito observá-lo defender a doutrina ponto por ponto. Mas nessa cena não há um esplendor que empolgue, ao qual possamos chamar propriamente *pulchrum*.

Entretanto, se nos reportamos ao processo de Santa Joana d'Arc, encontramos uma frágil donzela de dezenove anos, sem estudos teológicos, julgada por uma pseudoinquisição composta de homens com conhecimento e preparação intelectual. Quando um dos juízes perguntou-lhe se estava em estado de graça, na clara intenção de deixá-la sem saída, ela respondeu: "Se não estou, que Deus mo conceda; e, se eu estou, que Deus Se digne a nele me manter".[4]

Se ela dissesse com toda a segurança "Estou em estado de graça!", levantar-se-ia contra a doutrina católica, segundo a qual ninguém pode, naturalmente, ter certeza absoluta de se está ou não em graça. Se, pelo contrário, afirmasse "Não estou", então confessaria ter incorrido em pecado mortal, desacreditando sua missão. Como responder a pergunta tão maliciosa? O Espírito Santo a inspirou e ela soube sair-se com elegância e leveza luminosas. Aí temos o esplendor da verdade, o *pulchrum*!

> *O belo pode ser definido como o esplendor da verdade e da bondade, ou o esplendor de todos os transcendentais reunidos*

O mesmo acontece a propósito da bondade. Recorramos, mais uma vez, aos exemplos.

Nos degraus da escadaria de uma igreja está sentada uma esmoler. Passa o gerente de uma grande instituição comercial, tira a carteira do bolso e lhe dá uma moeda de ouro. Sem dúvida trata-se de um louvável gesto de caridade, feito com o desejo de ajudar aquela senhora na pobreza; mas não é pulcro pois, como o doador possui muitas riquezas, a oferta pouco ou nada significa para ele. Muito bonito seria se aquela fosse a sua única moeda, como no episódio do óbolo da viúva, elogiada por Nosso Senhor porque deu tudo o que tinha para viver (cf. Mc 12, 42-44).

Qual é então a pulcritude em matéria de esmola?

Imaginemos outra cena. Numa noite de intensa nevada, com temperatura de dois graus abaixo de zero, um pobre mendigo treme de frio à beira de uma estrada. Passa um cavaleiro coberto com agasalhos de boa qualidade, freia sua cavalgadura, desce e, tirando o casaco, as luvas e até as botas, oferece-os ao desvalido, dizendo: "Cobre-te, senão poderás morrer". Depois, descalço e vestido apenas de camisa e culote, sobe no cavalo e parte.

O dar tudo é justamente o que torna o gesto pulcro. O ato de virtude rutilante, esse sim, nos faz compreender o belo, porque no heroísmo com que ele é praticado está o esplendor da bondade e, portanto, a santidade.

Ora, o esplendor da verdade e da bondade manifesta-se sobretudo naquilo que traz reflexos íntegros e plenos de Deus – o Belo em substância – e que nos faz aproximar d'Ele e a Ele nos unir, quase O "tocando".

Mais importante que o falar e o fazer, é ser!

Alguém poderia perguntar qual é a utilidade dessas considerações, e se nossa contribuição para a Igreja no âmbito universal não deveria consistir muito mais em escrever obras de literatura, livros doutrinários ou manifestos, ou ainda em exercer atividades de apostolado, expondo a Fé Católica com clareza e lógica. Sem dúvida, todos esses tipos de ação são úteis e até imprescindíveis, mas não suficientes para suprir as necessidades do Corpo Místico de Cristo.

Imaginemos um conjunto de pessoas que não conhecesse nada a respeito de música e nunca houvesse assistido a uma orquestra tocar, mas no qual cada um se esforçasse em aprender algum instrumento: flauta, trompete, violoncelo… E então o professor lhes dissesse: "Para entender música, têm de se situar numa escala de notas que sobem e descem de meio em meio tom; os gregos já possuíam uma teoria musical um tanto diferente etc… Agora tomem a partitura para executar a *Nona sinfonia* de Beethoven, porque eu já lhes expliquei o que são as notas".

Será que esses alunos conseguiriam tocar a peça? O que precisaria fazer um bom mestre? Depois de dada a teoria musical, deveria mostrar para seus pupilos o concerto de uma orquestra de alta categoria, interpretando a *Nona sinfonia* de Beethoven. Aí sim, a partir do que eles vissem e ouvissem, e tendo já transmitido a noção do que seja uma melodia, reunir os futuros músicos e começar o ensaio.

Assim também, não é possível, a partir do mero conhecimento da doutrina da Igreja, conceber como deve ser um verdadeiro católico apostólico romano. Trata-se de, uma vez contemplada e compreendida a verdade, traduzi-la para o concreto dos atos, costumes e maneiras de ser. Nisso reside a importância do símbolo vivo pois, de tudo o que existe, o maior símbolo de Deus para o homem é o próprio homem, criado à sua imagem (cf. Gn 1, 27). Por essa razão, nada há de mais representativo e mais próximo do Senhor do que um Santo, por ser este o exemplo máximo do bem, da verdade e da beleza na face da Terra.

É, portanto, obrigação moral de todo católico ser testemunho fiel do que professa, não só transmitindo o que a Igreja ensina, mas simbolizando esse ensinamento. Donde o mais importante da ação apostólica não consistir em falar nem em fazer, mas em ser! Aí sim ele poderá sair pelo mundo e colaborar para a *consecratio mundi* de que fala a *Lumen gentium*,[5] ou seja, a sacralização da ordem temporal, ciente de que só consegue sacralizar aquele que é sacral. Através dos gestos, das atitudes e do comportamento, da Liturgia bem executada, da arte e da beleza, as pessoas com mais facilidade chegarão até Deus e encontrarão a luz verdadeira que aponta o caminho para a santidade e para o bem.


Sérgio Miyasaki

Nada há de mais representativo e mais próximo do Senhor do que um Santo, por ser este o exemplo máximo do bem, da verdade e da beleza na face da Terra

Mons. João em fevereiro de 2010

O ato de virtude rutilante nos faz compreender o belo, porque no heroísmo com que ele é praticado está o esplendor da bondade: a santidade

Esmoleres das belezas de Deus

Em tudo o que Deus criou nas ordens inferiores da natureza – minerais, vegetais e animais –, Ele colocou uma simbologia para facilitar que o homem, deitando os olhos sobre aquilo que vê, compreenda o que não vê. Assim, todo o universo visível – os passarinhos, os mosquitos, as árvores, o Sol, o vento, a areia, a terra, as águas, as montanhas, o gelo – é espelho, imagem e símbolo do universo invisível.



wolkee / Pixabay

"Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras"

Por isso São Paulo afirma em sua Epístola aos Romanos: "Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras" (1, 20).

Se tudo nos foi dado pelo Criador, é nosso dever tudo devolver a Ele, interpretando esses estigmas e sinais, e usando-os como instrumento para levar os outros a sair de seu egoísmo e chegar ao conhecimento de Deus, amando-O o quanto é possível nesta terra.

Nossa época está à míngua de beleza, e vive numa completa pobreza espiritual e total nudez de virtude; não há mais pulcritude e o bem se retraiu da face da Terra. Qual a classe social que não necessita de verdade e de santidade? Quanta aflição, quanta apreensão, quanta crise, quanta ameaça, quanto drama, quanta tragédia! É preciso saciar essa fome de sobrenatural, alimentando nas almas as virtudes e os dons infundidos pelo Batismo.

No meio do caos e da decadência moral do mundo moderno, devemos confiar em Nossa Senhora e levantar o estandarte do *pulchrum* ao mais alto, sendo os esmoleres das belezas de Deus. Cabe a nós promover que o pobre e o rico, o plebeu e o nobre, o que está na cadeia e o que está em liberdade, o pequeno e o grande, o desamparado e o opulento, possam ter ao seu alcance o maravilhoso e encontrar um ambiente que represente os ideais que eles amam. Vestir, alimentar, amparar e proteger espiritualmente é a caridade mais essencial, a maior esmola que se possa fazer à humanidade, segundo o preceito que Nosso Senhor nos deu: "Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei" (Jo 15, 12); "Amarás o teu próximo como a ti mesmo!" (Mc 12, 31).

A maneira de ser feliz é abraçar o "pulchrum" e a santidade, amar a verdade e assumir o Evangelho, praticando-o e não apenas o admirando

Eis também o meio de evitar que as pessoas percam a esperança e se entreguem ao demônio, seguindo as vias do pecado e dos vícios. Somente a emoção estética, de um lado, e a emoção moral, de outro, conduzem à felicidade duradoura. A maneira de ser feliz é abraçar o *pulchrum* e a santidade, amar a verdade e assumir o Evangelho, praticando-o e não apenas o admirando. Assim afirmou o Concílio Vaticano II, mais tarde citado por João Paulo II na *Carta aos artistas*: "A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração".[6]

Pelo contrário, levantar uma barreira para que os pobres não tenham acesso à beleza é o maior crime que se possa cometer, porque implica "matar" a própria humanidade. ✣

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1999 e 2007

---

[1] SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.27, a.1, ad 3.

[2] Cf. SANTO ALBERTO MAGNO. *In De divinis nominibus*, c.IV, solutio, n.72.

[3] Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Les perfections divines*. 4.ed. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1936, p.299.

[4] BORDONOVE, Georges. *Les grandes heures de l'Histoire de France. Jeanne d'Arc et la Guerre de Cent Ans*. Paris: Pygmalion; Gérard Watelet, 1994, p.235.

[5] Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.34.

[6] CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagem aos artistas*; SÃO JOÃO PAULO II. *Carta aos artistas*, n.11.

Timão da História

O homem sacral sabe galgar as metáforas do Altíssimo e encontrá-Lo acima delas. Mais: ele imita o Todo-Poderoso, construindo um mundo que visa representar as perfeições divinas.



Artur Pereira de Morais

Por que, quando pensamos em Cristandade, podemos encontrar elementos comuns em torres de uma catedral, em vestes tradicionais de um povo ou em símbolos heráldicos? Há uma certa confluência entre o hábito beneditino, a cortesia e os pratos bem elaborados de uma civilização?

Como definir essa espécie de aura que permeou a sociedade católica e que faz ainda hoje a glória da Europa e a sua saudade? Qual o seu nome?

Dr. Plinio Corrêa de Oliveira a chamou de *sacralidade*.[1]

Reminiscências do divino

Para Dr. Plinio, "sacral é tudo aquilo que tem especiais qualidades para lembrar os supremos atributos de Deus".[2]

Não é difícil encontrar essas reminiscências do divino ao nosso redor. O Criador facilitou-nos a tarefa ao nos deixar um mundo repleto de suas "digitais". Quem não vislumbra na vastidão dos oceanos a imensidade de Deus?

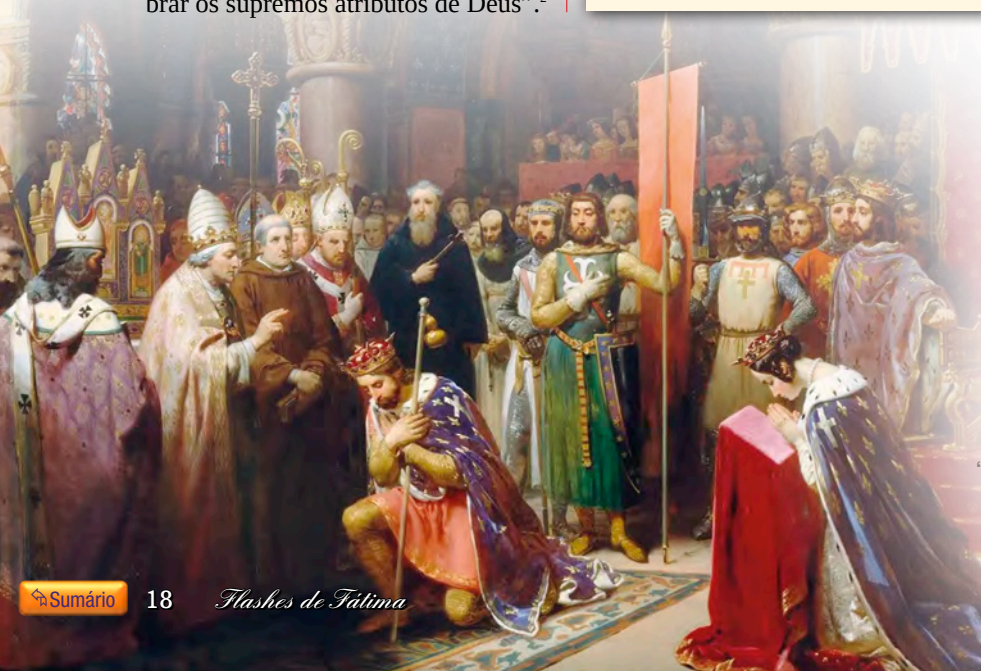
> *Sacral é tudo aquilo que tem especiais qualidades para lembrar os supremos atributos de Deus, seja na criação, seja nas obras dos homens*

Quem não descobre no leão a força do Onipotente, e nas montanhas altaneiras a perenidade do Eterno? Na luz radiante do Sol, como não descobrir o Invisível?

O homem com espírito sacral sabe galgar essas metáforas do Altíssimo e encontrá-Lo acima delas. Mais: ele imita o Todo-Poderoso construindo um mundo que visa representar as perfeições divinas.

Assim, naquela Cristandade acima evocada, o badalar dos sinos ressoava como eco da voz divina e não somente como um toque de convocação para reuniões. O rei luzia como governador, e muito mais do que isso: como uma espécie de condestável do Senhor dos exércitos. Uma iguaria era alimento mais do espírito que do corpo. As coroas proclamavam às claras sobre sua mais elevada missão, a saber, sustentar a cruz de Cristo. E as naves da igreja gótica traduziam em pedra as expressões da sacralidade: os seus arcos e nervuras se uniam para apontar o céu.

Maravilhosas eram também as cerimônias que revestiam qualquer campo da atividade humana. Com solenidade –



Reprodução

Havia na Civilização Cristã uma espécie de aura que permeava a sociedade; ela se espelhava em todos os âmbitos da vida humana e faz ainda hoje a glória da Europa e a sua saudade: a sacralidade

"Luís VII recebe a oriflama em Saint-Denis", por Jean-Baptiste Mauzaisse - Museu de História da França, Versailles

e até com pompa – se realizava a compra e venda de um terreno. Até mesmo as penas de encarceramento eram exaradas com cerimonial, e a armação de cavaleiros seguia um rito carregado de simbolismos. Que dizer então dos casamentos, das aclamações de reis e das entronizações papais? Todo esse aparato visava ressaltar a grandeza do ato realizado, sublinhando aos olhos dos assistentes que ele era praticado perante Deus.

As duas asas do enlevo

As breves pinceladas até aqui esboçadas estarão, para alguns, um pouco etéreas… Como caracterizar a pessoa tomada por esse espírito sacral, que marca a distingue?

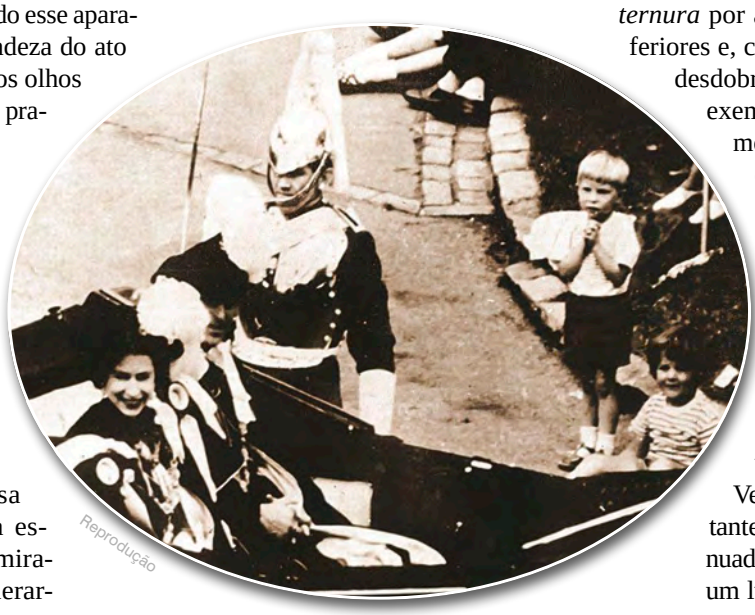
Para Dr. Plinio essa marca é o *enlevo*: uma espécie de arroubo de admiração e amor diante da hierarquia da ordem da criação e sua magnificência.

Ora, hierarquia supõe superioridades e, logo, inferioridades… Pois bem, uma alma pervadida de enlevo, ao contemplar aquilo que lhe é superior, transborda de *veneração*; quando, porém, se abaixa amorosamente até o que lhe é semelhante ou inferior, desdobra-se em *ternura*.

Exemplifiquemos com uma fotografia do século passado. A imagem apresenta a Rainha Elizabeth II em uma carruagem, sorrindo a seus súditos. Um detalhe, entretanto, chama a atenção: é o menino que contempla, absorto e quase em atitude de prece, a passagem da soberana inglesa.

A cena fez os encantos de Dr. Plinio. Bela imagem de uma alma repleta de sacral veneração, aquele "menino de ouro", como ele o chamou, "acabou vendo que na vida há algo que transcende enormemente o próprio ambiente, a vulgaridade da existência de todos os dias, […] trata-se de uma manifestação de valores metafísicos altíssimos, que se exprimem na pompa da realeza".[3]

Aquele menino, imagem do enlevo despretensioso, era "capaz de se encantar inteiramente com a grandeza de algo que não é ele".[4]



Reprodução

Uma alma pervadida de enlevo, ao contemplar aquilo que lhe é superior, transborda de veneração; quando, porém, se abaixa amorosamente até o que lhe é semelhante ou inferior, desdobra-se em ternura

Fotografia da Rainha Elizabeth II comentada por Dr. Plinio

> *Assim são as almas sacrais: sabem amar tanto a sublimidade dos superiores quanto a sua própria pequenez, vivem do gáudio da veneração*

Assim são as almas sacrais: sabem amar tanto a sublimidade dos superiores quanto a sua própria pequenez. Diante do que as transcende, agradecem por estar abaixo e ter a alegria de poder admirar. Vivem do gáudio da veneração, a qual levou Santa Teresinha do Menino Jesus a exclamar, num arroubo de entusiasmo: "Ó Maria, se eu fosse a Rainha do Céu e Vós fôsseis Teresa, eu quereria ser Teresa, para que Vós fôsseis a Rainha do Céu".[5]

Os superiores, de outro lado, têm *ternura* por aqueles que lhes são inferiores e, como a filhos, por eles se desdobram em cuidados. Típico exemplo dessa ternura podemos encontrar em inúmeros episódios do *Ancien Régime*, época decadente a vários títulos, mas ainda fortemente influenciada pela Igreja e, em consequência, permeada de espírito sacral.

Conta-nos o célebre historiador Lenotre[6] um fato ocorrido em Versailles. Uma senhora gestante vinda de longe, já extenuada pelo passeio, procurava um lugar no terraço para descansar. O jovem que a acompanhava, divisando um banco de pedra sobre o qual duas distintas damas conversavam, apressou-se em reservar ali um local. Em breves instantes, porém, descobriu estar diante da esposa do rei, Maria Antonieta! Muito confuso, o visitante tentou desculpar-se pelo atrevimento, mas foi logo interrompido por um bondoso gesto da rainha, insistindo para que sua companheira tomasse assento, não sem antes mandar um lacaio trazer-lhe uma almofada, a qual ela mesma dispôs sobre o banco, dizendo: "Este mármore é muito frio para a senhora neste momento, *madame*; seu estado exige os maiores cuidados".

Sinfonia de admirações

Aparece assim um outro aspecto do relacionamento sacral: a reciprocidade de admirações. Os superiores respeitam e honram os súditos, ao mesmo tempo que por eles são respeitados e honrados.

Como nos ensina São Tomás de Aquino,[7] todo homem possui qualidades únicas que o tornam, a algum título, digno de admiração. Máximo exemplo disso nos legou Nosso Senhor que, embora sendo o Homem-Deus, soube admirar a fé do centurião e a inocência dos pequeninos (cf. Lc 7, 9; Mc 10, 14).

Essa sinfonia de admirações que sobem e descem as escadarias do relacionamento humano também é facilmente compreendida se adentramos os umbrais de um lar em que se observa a Lei de Deus. Uma boa mãe tanto se admirará da inocência de seus pequenos como estes poderão discernir no sorriso bondoso da matriarca a primeira imagem do Criador. Um pai íntegro, no qual brilham virtudes como as da pureza e da honestidade, tanto será causa de encanto para seus filhos como estes o alegrarão com sua candura e retidão.

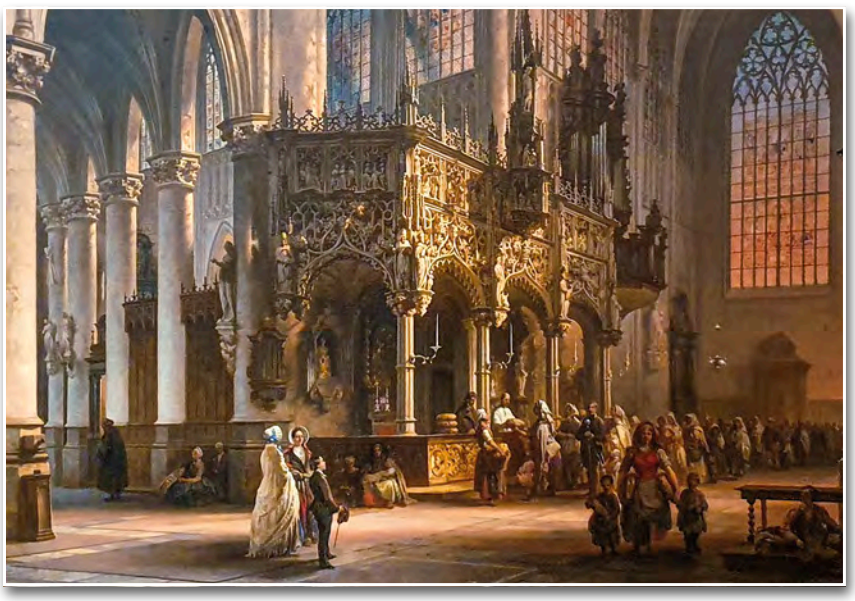
O enlevo sobe o calvário

Enlevo, veneração e ternura se desdobram naturalmente em movimentos de *serviço* e *obediência*, os quais, levados às últimas consequências, constituirão um verdadeiro *holocausto* de amor, derradeiro e mais precioso fruto do espírito sacral.

Com efeito, a sinceridade do coração se prova na dor. O amor de quem não está disposto a sacrificar-se é paródia, hipocrisia ou talvez mero sentimentalismo.

Ora, as almas que sobem o calvário por um ideal, contagiam o mundo com as chamas do seu enlevo. Isso explica por que a aurora da Igreja foi tingida com o sangue dos mártires.

A sacralidade não se limita ao âmbito das relações sociais, mas deve influenciar todos os aspectos da vida, na ordem espiritual e na ordem temporal



Reprodução

A sacralização das realidades terrenas prepara uma plataforma para que a alma voe rumo a Deus: música, culinária, arquitetura, pintura e vestuário tornam-se apoio para a prática da virtude

Interior da Igreja de São Gomário em Lier, por Jules Victor Genisson - Museu Soumaya, Cidade do México

"Como era possível", perguntava-se Dr. Plinio ao comentar os martírios do início do Cristianismo, "que um leão pulasse em cima de uma moça ou de um rapaz, reduzindo aquelas criaturas cheias de vida a frangalhos, e que um outro olhasse e dissesse 'Eu também vou'? Como isso poderia dar-se sem o enlevo, a veneração e a ternura?" E concluía: "O nervo da expansão do Cristianismo foi um imenso incêndio de sacralidade no âmago do Império Romano".[8]

O sagrado, o profano e a sacralidade

A sacralidade, entretanto, não se limita ao âmbito das relações sociais. Ela deve estender sua benfazeja influência sobre todos os aspectos da vida, seja na ordem espiritual, seja na temporal.

É-nos mais fácil entender a presença de elementos sacrais na esfera religiosa. Templos majestosos, cálices de ouro, alfaias de linho fino… embora em certos âmbitos sejam tidas como luxo supérfluo, tais pompas constituem um apanágio indissociável das práticas da Igreja.

Mais difícil, porém, é conceber que essas realidades devem permear, a seu modo, a vida cotidiana… Como, pois, compreender o uso de baixelas requintadas, de objetos belos e decorativos, de móveis elegantes e, sobretudo, de nobres maneiras em pleno século XXI?

Formados em meio a tantas concepções utilitárias da vida humana, tudo isso nos soa como desperdício, vaidade e afetação. Mas a verdade é bem outra.

Plataforma para a alma voar

Dr. Plinio[9] apontava que as artes e os ambientes possuem especiais qualidades para influenciar vivamente as mentalidades, induzindo famílias e povos a assumir determinados estados de espírito, bons ou maus.

Se o estímulo sensorial da cor vermelha – atestam estudos de psicologia – pode suscitar certas paixões, se a serena cadência das ondas do mar predispõe à reflexão, e se uma via pública suja e descuidada favorece o cri-

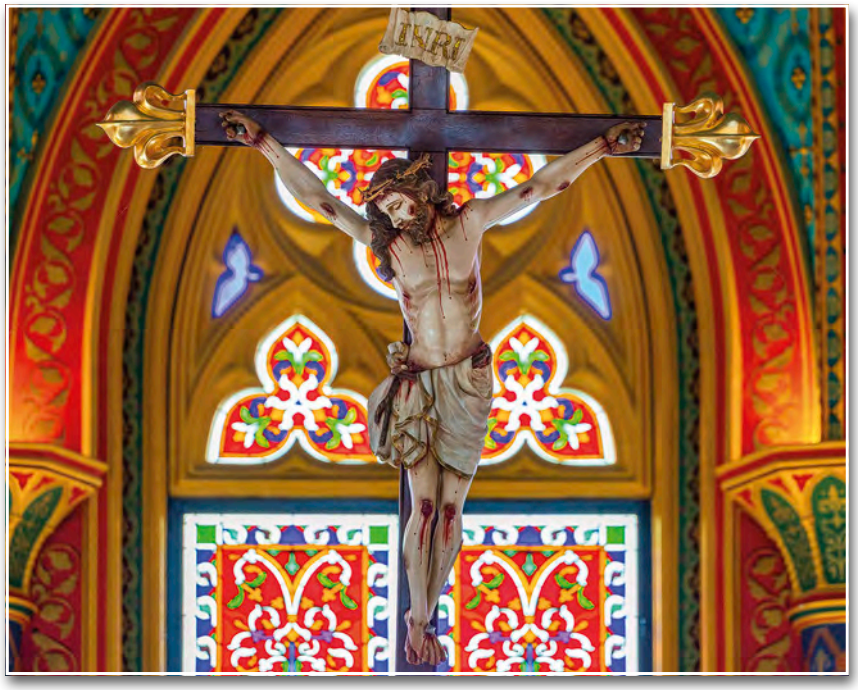
me, está claro que elementos materiais podem influenciar o corpo e também a alma, a ele indissociavelmente unida.

Assim, a sacralização das realidades terrenas prepara uma plataforma para que a alma voe rumo a Deus. Música, culinária, arquitetura, pintura e vestuário tornam-se apoio para a prática da virtude. Isso sim é pregar "o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15), inclusive à inanimada.

Destarte, a sacralidade estende sua influência até as ações mais comezinhas. É ela que faz do lar um santuário, que oferece ao homem uma norma de conduta, ajudando-o a, mesmo na intimidade, não se esquecer de que é filho de Deus.

Pois de que nos adiantaria admirar uma bela igreja e deixar a própria casa abandonada à desordem? E com que disposições receberíamos o Filho de Deus na Sagrada Comunhão, se depois escandalizássemos nossos filhos com gestos e palavras vulgares? De que, enfim, nos serviria conversar reverentemente com o Senhor na oração, para depois tratarmos apenas de baixezas em rodas de amigos?

Ser um só, diante de Deus e dos homens: eis o ideal da sacralidade.



Leandro Souza

A Cruz, derradeiro fruto da sacralidade, é o timão da História que, pousado sobre nossos ombros, conduzir-nos-á ilesos pelo tenebroso mar de nossos dias

Crucifixo da Capela Nossa Senhora de Fátima, Nova Friburgo (RJ)

Manejando o timão da História

E qual é o resultado quando alguém se esforça por viver desse modo? A santidade pois, como explica Dr. Plinio, ela "é o estado de alma no qual a pessoa chegou a pôr a sacralidade em tudo",[10] inclusive – e sobretudo – dentro de si.

Homens conquistados pela sacralidade e levados pelo enlevo à ponta do sacrifício, são a verdadeira alavanca da História. O que a move não é a mera teoria, mas a ortodoxia vivida e como que encarnada.

> *Os homens conquistados pela sacralidade e levados pelo enlevo à ponta do sacrifício são a verdadeira alavanca da História*

Quando, entretanto, os homens se afastam desse espírito, as crises se deflagram: os indivíduos fecham-se em si mesmos, o convívio se torna uma fátua disputa de prestígio, as cerimônias perdem o sabor e a razão de ser, a existência afunda-se no vazio.

Mas há a escada para retornar à luz. Isaías assim profetizou sobre o Messias: "Um Menino nos nasceu, um Filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros" (9, 5). O que portou Jesus Cristo "sobre seus ombros"? A Cruz, derradeiro fruto da sacralidade; a Cruz, timão da História que, pousado sobre nossos ombros, conduzir-nos-á ilesos pelo tenebroso mar de nossos dias.

---

[1] As reflexões expostas neste artigo a respeito da sacralidade foram auferidas, *grosso modo*, de um conjunto de conferências de Dr. Plinio realizadas no ano de 1967.

[2] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Noção de sacralidade. In: *Dr. Plinio*. São Paulo. Ano XVII. N.200 (nov., 2014), p.20.

[3] Idem. *Conferência*. São Paulo, 5/11/1968.

[4] Ibid.

[5] SANTA TERESA DE LISIEUX. "Si j'étais la Reine du Ciel". Prière 21. In: *Œuvres Complètes*. Paris-Bilbao: Cerf; Desclée de Brouwer, 2006, p.976.

[6] Cf. LENOTRE, G. *Gens de la vieille France*. Paris: Perrin, 1919, p.84-85.

[7] Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.103, a.2.

[8] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Palestra*. São Paulo, 15/4/1967.

[9] Cf. idem. *Revolução e Contra-Revolução*. 9.ed. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.119-121.

[10] Idem. *Conferência*. São Paulo, 8/4/1967.

Transcendendo, rumo ao Absoluto

A visão sublime nos confere um conhecimento que, baseado na fé, contempla através de um espelho o que é perfeito e, guiado pelo Espírito Santo, torna-se capaz de penetrar no Absoluto.



Santiago Vieto Rodríguez

Conta-se que Rubens produziu mais de duas mil e quinhentas obras,[1] muitas das quais de proporções enormes, abordando temas tão complexos quanto são os religiosos e históricos. Daí se deduz que esse célebre artista tenha concluído aproximadamente uma obra por semana durante cinquenta anos, sem interrupção. Prodigioso, sem dúvida alguma, se levarmos em conta que ele viveu apenas sessenta e dois anos…

No entanto, por mais fértil que seja a imaginação de um homem, e por mais anos que ele viva para perpetuar suas impressões com pigmentos sobre telas ou tábuas, a magnitude de sua produção criativa nunca poderá se comparar à do Artista Supremo, que a cada dia nos surpreende com novas maravilhas.

Basta, por exemplo, olharmos pela janela ao acordarmos. O majestoso astro rei desponta em meio a nuvens, ora plácidas, ora ameaçadoras; festivas, cândidas, lúgubres ou até mesmo sugerindo criaturas míticas… constantemente evocando outras realidades, transformando-se a cada segundo, em momentos únicos, que nunca se repetirão na História.

A infinitude da obra divina, refletida em um único aspecto da criação, como as auroras, possui tamanha riqueza que uma alma sedenta de virtude pode, todos os dias, renovar suas forças diante desse espetáculo sublime e alimentar a esperança da eternidade junto Àquele que é invariavelmente o mesmo, embora sempre distinto e surpreendente, inesgotável, infinito.

Onde está a verdade?

Um belo panorama, entretanto, pode ser contemplado por prismas diversos.

Um cientista, por exemplo, referindo-se às nuvens, dirá tratar-se de gotículas microscópicas suspensas na atmosfera, produzidas pela condensação de H_2O. E nos perguntamos: será apenas isso?

Se, logo após essa definição, alguém disser a um menino inocente que Deus constrói todos os dias magníficos palácios de cristal para que os Anjos possam habitá-los e, a partir deles, contemplar o Sol, certamente o pequenino, encantado, aceitará com maior entusiasmo a última explicação… Agir assim seria enganá-lo?

É certo que o cientista tem um conhecimento técnico mais apurado, mas a criança, por incrível que pareça, está mais próxima de alcançar a verdade, que transcende a mera materialidade das coisas, em busca de suas causas mais elevadas.

Ambos contemplaram a realidade, mas a criança a sublimou.

A arte de sublimar

Dr. Plinio Corrêa de Oliveira[2] explicava que o sublime é um grau de beleza que não tem proporção com o homem, mas sim com Deus. Trata-se de uma espécie de luz que banha a realidade, tornando-nos capazes de descobrir seus aspectos mais elevados, com ênfase naqueles que nos orientam a uma contemplação devota.

Assim, podemos também entender o sublime como "o aspecto das pessoas e das coisas pelo qual elas mais se assemelham a Deus".[3] Ora, a percepção da sublimidade, como participação na sabedoria divina, capacita-nos a distinguir a beleza de todos os seres à luz da verdade, em sua essência original e finalidade última.

"Sublimar" é, portanto, tornar a realidade mais conforme ao Criador, retirando-a de uma proporção meramente humana, para transcender rumo ao Absoluto.

E como é desígnio divino que o homem complete a obra criadora na busca da perfeição, com a ajuda da graça, a arte de sublimar consiste, em última análise, em cumprir o Primeiro Mandamento. Significa estar em contínuo movimento de "teotropismo" – procura por Deus –, meta e missão altíssimas, que só podem ser alcançadas quando o temporal se une ao eterno.

Uma forma de conhecimento não exclui a outra

Em um mundo cada vez mais positivista, é nadar contra a corrente em



A percepção da sublimidade nos leva a distinguir a beleza de todos os seres e, à luz da verdade, contemplar os reflexos do Criador na infinitude da obra divina

Bradley Dunn / Unsplash

uma épica batalha – e uma verdadeira prova de fé – optar por um estado de espírito de sublimidade que transcenda a visão pragmática da realidade. Tal atitude afigura-se como algo socialmente "incorreto".

A mera ciência humana, embora nos ofereça um conhecimento aparentemente mais preciso das criaturas, conduz-nos a uma verdade limitada e a resultados que, muitas vezes, alteram-se com o tempo. A visão sublime, em contrapartida, confere-nos um conhecimento aparentemente menos exato, mas que, baseado na fé, contempla através de um espelho (cf. I Cor 13, 12) o que é perfeito e, guiado pelo Espírito Santo, torna-se capaz de penetrar no Absoluto.

Convém, todavia, esclarecer que uma forma de conhecimento não exclui a outra, pois somente quando unidas é que elas se aperfeiçoam. De fato, podemos constatar repetidamente em diferentes ramos do saber humano, inclusive nos mais modernos, que, quanto mais preciso se revelam nosso conhecimento científico, mais potentes se tornam os trampolins que impulsionam a interpretação anagógica da realidade.

A esperança de nosso mundo

É na contemplação enlevada da criação, por meio da qual nos elevamos até o sobrenatural, que encontraremos a solução para a crise que ameaça desumanizar a humanidade, separando-a de sua origem e abolindo a sua própria finalidade, ao privá-la da sublime faculdade de sublimar.

Não temos motivo para nos desculpar pois, se perecemos, é por falta de maravilhamento, e não por falta de maravilhas.[4] Precisamos reaprender a contemplar, não apenas nosso entorno material, mas também, e especialmente, o sobrenatural, que nos ultrapassa e para o qual devemos sempre nos voltar com espírito de humildade, admiração e oração amorosa.

A falta de atração pelo sublime constitui o sinal mais claro de que urge buscar a virtude, pois "a santidade é a única forma plena de sublimidade, na qual todas as outras sublimidades se sustentam".[5]

Será que a sedução magnética das telas – que tanto captam a atenção com suas torrentes de informações narcisistas e supérfluas –, a hipercomunicatividade, as velocidades exorbitantes e os estímulos contínuos aos quais nos submetemos; enfim, nosso *modus vivendi* cada vez mais artificial e egocêntrico, menos reflexivo e contemplativo, são os responsáveis por essa decadência? Pergunta complexa, que exigiria um estudo muito mais abrangente para ser respondida.

Certo é que cada ato nascido da contemplação e, mais ainda, pervadido de sacralidade e realizado pela caridade significa edificar a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos, em contraposição à "nova torre de Babel",[6] que antepõe a praticidade hedonista ao esplendor da verdade, isto é, a beleza.

Peçamos, pois, à Santíssima Virgem, Mãe de todas as sublimidades, que nos ajude a sempre nos elevarmos ao que há de mais sublime, ou seja, a voar em direção a Ela, cujo trono está fixado sobre as nuvens (cf. Eclo 24, 7).

---

[1] Cf. PARRAMÓN VILASALÓ, José María. *El gran libro de la pintura al óleo*. 14.ed. Barcelona: Parramón, 2000, p.30.

[2] Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Conferência*. São Paulo, 11/10/1965.

[3] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Palestra*. São Paulo, 4/6/1988.

[4] Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Tremendas trivialidades*. Campinas: Ecclesiae, 2012, p.13.

[5] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Conferência*. São Paulo, 11/10/1965.

[6] LEÃO XIV. *Magnifica humanitas*, n.1.



Construindo para a eternidade



Bradley Weber (CC by 2.0) / Arquivo Revista

Tal era o mais augusto sentido da Cristandade: dar corpo aos ensinamentos do Verbo Encarnado, traduzir a verdade em estilos de vida, plasmar em elementos visíveis a beleza impalpável do mundo sobrenatural.

Pedro Gusson Angelune Martins

Turistas numa catedral medieval. A cena bem representa o paradoxo em que vive o homem ocidental. Filho do progresso, não consegue desapegar-se da tradição. Jamais edificaria para si uma residência em estilo gótico. Vive no presente, planeja o futuro, mas tira suas férias no passado. A catedral, como tantos outros monumentos vetustos, o deslumbra, o arrebata, o fascina; contudo, não consegue convencê-lo de que foi erigida num mundo verdadeiro, por homens reais, de carne e osso: esses medievais, que não descansavam visitando monumentos; viviam neles.

Nossos turistas, porém, não se detêm em tais reflexões. O tempo é por demais limitado. Contentam-se com algumas fotografias efêmeras, capturadas com efêmeros *smartphones*, daquela obra eterna. Pois em breve acabarão seus dias de folga e lá estarão eles, abandonando esse sonho de pedra, para retornar à realidade de concreto. Até as próximas férias, para as quais já planejam visitar outros belos monumentos, ruínas da Cristandade.

Cristandade. A mera sonoridade desse vocábulo evoca tempos ditosos, uma idade de luz, não de trevas, em que a "filosofia do Evangelho governava os povos".[1] De fato, o espírito da Igreja Católica era, outrora, a seiva da civilização. A Cristandade medieval desabrochou magnífica, como um dos mais belos frutos produzidos pela Esposa Mística de Cristo.

Hoje vivemos de sua lembrança. Suas ruínas despertam uma nostalgia incompreensível, que atrai milhares de visitantes todos os anos.

> *A Civilização Cristã veio à luz e foi batizada pelo sangue e água que jorraram do flanco aberto do Salvador pendente da Cruz*

Acima de tudo, reinava a cruz

Quando é que a Civilização Cristã veio à luz? Debalde tentar-se-ia estabelecer uma data precisa. Quiçá tenha surgido ao nascer Clóvis para a graça, ou na promulgação do Edito de Milão, que concedeu liberdade à Fé cristã – dirão alguns. Na verdade, seu batismo foi o do sangue e da água que jorraram do flanco aberto do Salvador pendente da Cruz, e o edito que lhe deu origem foi a própria Palavra da Verdade, "que Se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14).

Se a Igreja – e seu Divino Fundador – já continha em si, como broto viçoso, toda a civilização em seus esplendores, séculos foram necessários para que essa flor desabrochasse e perfumasse a face da terra. Na aurora do século IX, numa fria noite que bem lembrava aquela em que veio ao mundo a Luz Eterna, lançaram-se os fundamentos para a formação da Europa.[2] Quando Carlos Magno – chamado de *Pater Europæ*[3] – recebeu a coroa das mãos do Sumo Pontífice, despontou como nunca a união entre o poder espiritual e o temporal. O orbe esta-

va representado no diadema do imperador: acima de tudo, reinava a cruz.

Tal era o mais augusto sentido da Cristandade: dar corpo aos ensinamentos do Verbo Encarnado, traduzir a verdade em estilos de vida, plasmar em elementos visíveis a beleza impalpável do mundo sobrenatural, fazer, enfim, com que o ouro, a prata, o cristal e a pedra se amoldassem aos ensinamentos do Evangelho. E que o homem de barro que os contemplava se tornasse sempre mais imagem de Deus.

Utilizar-se da matéria para louvar o Criador

Equivocar-se-ia quem julgasse que o espírito da Igreja repousa sobre a pura ascese ou sobre a negação do material. Embora pregue a mortificação como caminho para a virtude, ela nunca condenou a matéria em si – tal negação pertence a heresias pagãs e gnósticas.

Com efeito, se no sexto dia da criação "Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom" (Gn 1, 31), a Igreja considera que o conhecimento sensitivo pode oferecer elementos para o nosso aperfeiçoamento. A admiração das maravilhas criadas é uma dádiva do Altíssimo, e deve ser usada para glorificá-Lo.

> *O espírito da Igreja visava amoldar a matéria aos ensinamentos de Cristo, e transformar a terra numa antecâmara do Palácio Celeste*

Nesse sentido, a Cristandade é eminentemente *realista* – real tem o étimo em *res*, coisa – de modo que, utilizando-se de técnicas que ainda hoje assombram a engenharia moderna, ergueu torres a mais de uma centena de metros. Os medievais não pretendiam, como os contemporâneos, arranhar os céus. Queriam ultrapassar os limites da abóbada celeste, para tocar no trono de Deus.

Esse realismo visava transformar a terra numa antecâmara do Palácio Celeste: não se contentando em contemplar a luz do sol, descobriu o vitral, como hoje o conhecemos. O homem viu as paredes se transformarem em cristal, e passou a enxergar a claridade com as cores do Paraíso.

Esse realismo soube, ainda, ver no mar o pavimento perfeito para as ruas de uma cidade de fábula. Nasceu então Veneza. E esse realismo, assim aplicado, pode ser chamado com um nome próprio: *sacralidade*.[4]



Wolfgang Moroder (CC by-sa 3.0) / kallema (CC by-sa 4.0)

O realismo medieval soube ver no mar o pavimento perfeito para as ruas de uma cidade de fábula: nasceu então Veneza

Aspectos de Veneza (Itália). Na página anterior: crucifixo processional - Coleção particular; ao fundo, interior da Catedral de Notre-Dame de Paris



Reprodução



Andy Luo / Unsplash



Myrabella (CC by-sa 3.0)

Patrick Hendry / Unsplash

Mesmo passada a era de luz da Idade Média, a Civilização Cristã, já decadente sob muitos pontos de vista, não deixou de produzir frutos acima de qualquer expectativa. Agonizante, revelou esplendores ainda desconhecidos pelo homem, qual cisne moribundo que, nos limites de sua existência, faz ressoar seu cântico mais belo.

Assim, a Cristandade ainda engendraria um Palácio de Versailles, com seus grandiosos salões e galerias, com seus jardins de simetria perfeita, com a grandeza de conjunto própria a emoldurar o reinado de um monarca que ousou se comparar ao Sol. E o que dizer de um Neuschwanstein? Castelo fantástico, implantado num cenário tão maravilhoso quanto o próprio edifício, teima em provar que o irreal pode existir e arrebatar.

Mesmo passada a era de luz da Idade Média, a Civilização Cristã, decadente sob muitos pontos de vista, ainda produziu frutos acima de qualquer expectativa

A Cristandade ressuscitará com maior esplendor, qual aurora triunfante, para nos recordar que neste mundo as tormentas não são eternas

De cima para baixo: Castelo de Neuschwanstein (Alemanha); Palácio de Versailles e sua Galeria dos Espelhos (França)

A Cristandade pode morrer?

Hoje tudo isso subsiste apenas em monumentos inertes, desabitados dos homens que os originaram. Eis o estado atual do que fora a Cristandade: um aparente corpo sem alma.

Mas teria morrido a Cristandade?

A questão é tão difícil de responder quanto é incerto definir o momento em que o crepúsculo se transforma em noite. Amiúde as cores mais belas do firmamento surgem quando o Sol já desapareceu. Um momento mais, aparecem as estrelas, ainda tímidas. Tons quentes se mesclam ao azul profundo. Logo o céu não passa de um véu negro, onde cintilam fragmentos de diamante. A cena tem seu esplendor, mas o astro rei já não está ali. Dominaram as trevas…

Vivemos a noite da Civilização Cristã. Após séculos de descristianização, os costumes, a influência e o espírito da Igreja se esmaeceram no Ocidente. Crises de toda ordem eclodiram, levando-nos à presente escuridão.

Mas, após essa morte aparente, o que vem não é a noite eterna, mas sim o dilúculo de uma era mais brilhante.

A Cristandade atravessará os séculos, ressuscitando com maior esplendor, qual aurora triunfante das trevas ou arco-íris desenhado nas nuvens negras de uma tempestade que se afasta, para nos recordar que neste mundo as tormentas não são eternas, e sim o Sol que reluz acima delas. ✣

---

[1] LEÃO XIII. *Immortale Dei*, n.9.

[2] Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Discurso*, 24/3/2004.

[3] Do latim: Pai da Europa.

[4] Ver o artigo *Timão da História*, nesta edição.



A vocação da arte sacra

Catecismo da Igreja Católica

§§2502-2503 A arte sacra é verdadeira e bela quando corresponde, por sua forma, à sua vocação própria: evocar e glorificar, na fé e na adoração, o mistério transcendente de Deus, beleza excelsa invisível de verdade e amor, revelada em Cristo [...]. Por isso devem os Bispos, por si ou por delegação, cuidar de promover a arte sacra, antiga e nova, sob todas as formas, e afastar, com o mesmo zelo religioso, da Liturgia e dos edifícios do culto, tudo o que não harmoniza com a verdade da Fé e a autêntica beleza da arte sacra.

Ao definir a essência e a finalidade da arte sacra, o *Catecismo* evidencia que ela possui a sublime missão de manifestar os mistérios de Deus. Não pode, portanto, ser idealizada numa perspectiva utilitária ou pragmática, supeditada às tendências artísticas, estilos e modas efêmeras da modernidade. Pelo contrário, quando a verdadeira arte sacra nasce da fé e é moldada pelo talento humano sob a inspiração do Espírito Santo, constitui uma via luminosa que conduz os fiéis à Suma Beleza.

Trata-se aqui da *via pulchritudinis*, conceito teológico tantas vezes mencionado por Bento XVI,[1] cuja proposta é o caminho da beleza – precisamente pela arte sacra e pela Liturgia – como via privilegiada para abrir a mente humana à contemplação de Deus.

Com efeito, a arte sacra, quando impregnada pela força fascinante da beleza, é capaz de impactar profundamente qualquer indivíduo, superando assim os clássicos caminhos da reflexão teorética para alcançar a Deus. O Altíssimo Se faz acessível aos sentidos humanos por meio de pinturas e afrescos, imagens e esculturas, vitrais e mosaicos, instrumentos e cânticos sagrados. Os templos, reunindo em si esses elementos, tornam-se como que relicários, cujo esplendor convida às solenes celebrações litúrgicas.

À luz dessas reflexões, compreende-se melhor a exigência do parágrafo 2503, acima transcrito, quando determina que cabe aos Bispos "afastar, [...] da Liturgia e dos edifícios do culto, tudo o que não harmoniza com a verdade da Fé e a autêntica beleza da arte sacra". Tal disposição resume o ensinamento da Constituição *Sacrosanctum concilium*, cujo teor é ainda mais taxativo: os prelados devem "retirar da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que não se coadunam com a Fé e os costumes e com a piedade cristã, ofendem o genuíno sentido religioso, quer pela depravação da forma, quer pela insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística".[2]

Em suma, quando a arte sacra se afasta de sua essência de sacralidade, abdicando da missão de ser reflexo da infinita beleza que é Deus, perde sua própria identidade, tornando-se profana e banal.

Num mundo cujos caminhos se distanciam da *via pulchritudinis*, é hoje ainda mais urgente o ofício dos pastores de preservar a genuína arte sacra, livre de estilos destacados do verdadeiro sentido religioso, como oportunamente determinou o Concílio Vaticano II. ✣



António Carneiro

Chamada a refletir a Deus e manifestar os seus mistérios, quando a arte sacra se afasta de sua essência de sacralidade, perde sua própria identidade, tornando-se profana e banal

"Virgen Blanca" - Catedral de Toledo (Espanha)

---

[1] Ver, por exemplo: BENTO XVI. *Discurso*, 21/11/2009.

[2] CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum concilium*, n.124.



Beleza útil e necessária

Analisando diversas construções do passado, Dr. Plinio se maravilhava por encontrar nelas, quase como fator comum de sua arquitetura, a beleza aliada ao senso prático, com proporções que respeitam a criatura humana e a ajudam a elevar-se até Deus.

Plinio Corrêa de Oliveira

A Idade Média foi uma época em que, sob a inspiração da Igreja, a plena funcionalidade e a plena formosura estiveram absolutamente unidas. Essa não é uma afirmação minha, de um contrarrevolucionário, mas está em todos os livros de arquitetura dedicados à arte gótica medieval, a qual foi funcional em todos os seus detalhes.

Uma coluna transformada em objeto de arte

Analisemos, por exemplo, o pórtico da Catedral de Amiens. No centro daquela magnífica porta há uma coluna, indispensável à sustentação do pórtico e do edifício; entretanto, foi transformada em objeto de arte, impedindo que se veja, em um primeiro olhar, o fundo da catedral e, assim, proporcionando uma bela surpresa a quem entra.

No meio da coluna está a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, como era costume representar nas entradas das catedrais, indicando ser Ele o divisor do destino humano: os que vão para a salvação e os que vão para a perdição. Ele é a pedra de escândalo, como disse o profeta Simeão, posto como sinal de contradição (cf. Lc 2, 34). Eis o papel histórico de Cristo retratado, eis a funcionalidade somada ao pensamento e à arte delicada.

A magnífica Catedral de Reims

Consideremos a frente da Catedral de Reims, onde eram coroados os reis da França antes da Revolução Francesa. Como é magnífica! Tem tanta arquitetura, tanta arte, que não ouso sequer descrevê-la.

Qual é, por exemplo, a razão de pórticos tão profundos? Era para que pobres e mendigos, os quais em ocasiões de tempestade não tinham aonde acorrer, pudessem proteger-se sob os umbrais maternos da igreja, sobretudo naquelas épocas em que as casas de comércio eram menores. Quanta arte para esta concepção funcional!

As torres são símbolo da grandeza e da eternidade de Deus, da grandeza e da perenidade da Santa Igreja Católica. No entanto, são altas e grandiosas por uma necessidade: nelas estão os sinos que devem ser ouvidos por toda a cidade e redondezas.



A Idade Média foi uma época em que, sob a inspiração da Igreja, a plena funcionalidade e a plena formosura estiveram absolutamente unidas

Interior da Catedral de Reims (França); em destaque, pórtico da Catedral de Amiens (França)

CEphoto, Uwe Aranas (CC by-sa 3.0)

Reprodução

A catedral não pode permanecer na escuridão. Então, construíram rosáceas magníficas. Pelos vitrais a luz entra harmonicamente, não em grande quantidade, mas apenas o necessário, porque o recolhimento pede meia-luz. A iluminação tem proporção com o tamanho do edifício; assim, as dimensões dos vitrais estão calculadas em função do grau de luz que se quer dentro do recinto. Que linda luz, equilibrada e harmônica!

As cores magníficas, que fazem dos vitrais verdadeiras joias, foram estudadas para quê? Primeiro porque a igreja é um edifício sagrado e, enquanto tal, precisa conter lições de História Sagrada e Religião. Com esse objetivo, há nos vitrais mil figuras representadas, as quais explicam pontos da doutrina católica e da História da Igreja. Diz-se que os vitrais eram a Bíblia dos analfabetos.

Alguém poderia criticar: "Então havia analfabetos na Idade Média!…" Eu digo: "Sim, mas que Bíblias para eles! Que maneira de aprender a ler! Que contradição com os pequenos manuais de aprendizagem das escolas modernas… Que fausto!" Aliás, é preciso dizer o seguinte: em relação a todas as épocas anteriores, a Idade Média foi o período no qual mais se trabalhou para a alfabetização do homem. De tal maneira que, quando a era medieval terminou, deu-se o aparecimento da imprensa. Como poderia esta ter tão grande importância se ninguém soubesse ler e escrever?

A catedral era o palácio dos pobres. Suntuosa, o último deles podia entrar ali e sentir-se em casa como um rei, um potentado, um homem muito rico. Eram tesouros de arte postos à disposição do povo de Deus. Com que arte estão figurados personagens da História e da Cristandade, reis e profetas do Antigo Testamento!

Mas tudo isso tem a função – além de proteger contra o vento, a chuva, a neve e dirigir a luz – de ensinar e encantar as almas. Os vitrais são, assim, a aliança do melhor gosto com a mais estrita funcionalidade.



Andrew Parlette (CC by 4.0)

A arte é necessária para o equilíbrio da alma humana e para se chegar a Deus

Catedral de Orvieto (Itália)

O edifício tinha necessidade de muitas colunas, pelo sistema de construção do tempo. Mas como elas são leves, delicadas, artísticas em comparação com as imensas colunas modernas, as quais parecem feitas no momento de um crime, para terem embaixo um homem esmagado, causando, por vezes, a impressão de guiarem para o inferno. As colunas medievais não esmagam: o espírito sobe ao longo delas, pois conduzem ao Céu!

Catedral de Orvieto, sinfonia de cores

Outro exemplo é a magnífica Catedral de Orvieto, na Itália, que tem de original em relação às catedrais medievais a parte externa, onde não há principalmente esculturas, mas pinturas – e que pinturas! Esplêndidos mosaicos refratários à ação da luz e do tempo, os quais fazem da catedral uma sinfonia de cores.

Qual é a razão dessa decoração? Sem dúvida, a arte. E aqui já estamos chegando à grande conclusão: a arte resulta necessária para o equilíbrio da alma humana e para se chegar a Deus. Assim, enquanto manifestação de beleza, ela é absolutamente funcional.

Mas há, de outra parte, a vantagem seguinte: além de serem uma instrução para as pessoas que passam, os mosaicos protegem muito bem o edifício contra as intempéries, porque são bastante duradouros e estão perfeitamente conservados. A catedral encontra-se, toda ela, num estado que se diria ter sido construída ontem. No entanto, ela arrosta os séculos. Não com aquela velhice magnífica e veneranda das velhas catedrais de granito, mas com essa durabilidade que fala do eterno, específica da Catedral de Orvieto. Que pintura tem cores tão frescas, representando um esplendor, uma louçania de alma tão magnífica? Tudo nessa construção aponta para o Céu.

A leve e majestosa Torre de Belém

A Torre de Belém em Portugal, composta de um material tão alvo que em noite de luar, como eu a vi, mais parece feita de lua, é tão formosa que se diria concebida por um artista extra-



"Quanto respeito para com a criatura humana há numa construção como essa! O homem sente-se inteiramente atendido, protegido, defendido e conduzido a Deus!"

vagante num lugar poético. Entretanto, ela está situada junto à foz do Rio Tejo, em frente ao oceano, num ponto indispensável para ver o inimigo aproximar-se. As guaritas eram necessárias para abrigar os soldados, e as ameias imprescindíveis para defendê-los. Na sua parte inferior se encontram os orifícios para os canhões. Tudo calculado para uma fortificação marítima estritamente útil.

Sob certo ponto de vista, a torre, tão leve com suas ameias e torreões, parece um brinquedinho; mas, tão majestosa e forte, dá impressão de uma verdadeira fortaleza. E foi uma fortificação tão boa que, para as condições do tempo, incutia medo em qualquer atrevido desejoso de se adentrar no Tejo.

Há também outro significado: quando as esquadras portuguesas partiam para as Índias, a população, e inclusive os reis, iam despedir-se da tripulação. As autoridades ficavam no terraço junto ao rei com sua corte, as bandeiras e os estandartes de Portugal flutuavam ao vento; havia um grande adeus e uma grande separação daqueles que iam para a aventura, para o apostolado, para a grandeza da Cristandade e da nação portuguesa.

Imaginemos ali uma série de pendões e de tapeçarias riquíssimas; o rei com a rainha e sua corte, despedindo-se dos navios que partem para descobrir novas terras e trazer novos povos para a Igreja Católica Apostólica Romana, levando nos mastros a Cruz de Cristo. É um cenário magnífico! Tão bonito que parece ter sido construído só para essa cena épica. Ali encontramos a beleza conjugada ao prático: um mirante estupendo e, sem dúvida, muito funcional. Quanto respeito para com a criatura humana há numa construção como essa! O homem sente-se inteiramente atendido, protegido, defendido e conduzido a Deus!

Algo semelhante se passa também com certas pontes fortificadas. Comparem-nas a estes "tabuleiros" modernos… são simplesmente blocos postos sobre um abismo, por uma técnica terrificante, e sobre a qual passam os automóveis.

Alguém dirá: "Por que ornar uma ponte com torres? São muito formosas, refletem-se na água de um modo agradável, mas qual proveito têm?" Têm o seguinte proveito: cada torre posta na ponte era uma fortificação. E se o inimigo penetrasse por uma parte, precisaria travar três batalhas antes de entrar na cidade. É a arte, o bom gosto, a utilidade.

Onde está a alma, deve estar a beleza

O Castelo de La Rochepot tem algo de muito formoso: o lindo colorido do telhado, o qual é alegre, festivo, feito para ser visto de longe, como a anunciar que há algo de belo na construção.

No formato do telhado vê-se a preocupação de evitar o acúmulo da neve. É a funcionalidade numa manifestação artística. O bom senso dos séculos passados mostrava como a arte precisa estar presente, porque, onde quer que esteja o homem, está, sobretudo, a alma; e onde está a alma, deve estar a beleza.

Outro telhado formosíssimo é o do hospital Hôtel-Dieu de Beaune, na França. Essa era a preocupação dos nossos antepassados em pôr a arte por toda parte, sem nada de não prático. Ele é supremamente funcional; consideram-se a natureza espiritual do homem e a sua finalidade religiosa.

Para mostrar não ser um privilégio da alma medieval construir coisas assim – basta o homem querer fazê-las e contar com uma boa tradição



Da esquerda para a direita: Torre de Belém - Lisboa; Castelo de La Rochepot (França); Catedral de Rouen (França). Em destaque, Dr. Plinio em 1990

católica atrás de si – consideremos um dos castelos do Rei Luís II da Baviera. Construído no século passado,[1] o edifício tem sabor e beleza medievais. Como ele é formoso! Os precipícios com pedras, que grandeza manifestam! Trata-se de uma revivescência da Idade Média, diríamos, quase em nossos dias.

Paz, seriedade, felicidade

Consideremos ainda Rouen, cidade onde foi queimada Santa Joana d'Arc. As casinhas burguesas vistas ali transmitem senso de intimidade. Tem-se a impressão de que quem as habita vive em um recolhimento e em uma calma muito grandes. Por vezes, há pequenas saliências nos prédios; possivelmente o pai mandava construir um quarto suplementar, quando nascia uma criança na família. O resultado é tão pitoresco e tão interessante, que faz o encanto e a graça da casa.

Pois bem, dentre essas casinhas ergue-se a torre da Catedral de Rouen, num enorme *élan* para o céu. Como ela se assemelha à majestade imensa das realidades divinas! A torre está acima da cidadezinha comercial, como a Religião está acima de todas as coisas terrenas. Dir-se-ia que a torre se adelgaça à medida que ascende, quase se transformando em céu; não se sabe bem se seu píncaro é mais ar do que terra, ou mais luz do que pedra. Ela como que transmite vontade de subir, convida à elevação de alma!

No prefácio da história de Santa Isabel da Hungria, Charles de Montalembert narra que um maometano preso pelos cruzados recebeu licença de viajar pela Europa e, conhecendo as catedrais, perguntou quem as construía. Mostraram-lhe, então, o irmão leigo de um convento:

— Ele é um dos homens que constroem esses monumentos.

Surpreso, indagou:

— Como podem homens tão humildes construir edifícios tão altivos?

Assim é a alma católica: humilde quanto a si mesma, mas insaciável para dar glória a Deus. Na Catedral de Rouen está a glória de Deus cantada por uma flecha que vai mais alto do que todos os edifícios da terra. Essa é a Igreja Católica acima da sociedade temporal; ela se encontra acima de tudo.

Pela cidade passa o Rio Sena, com pedras à sua margem; pelas ruas – longe de serem autoestradas – podia-se passar com tranquilidade em conversas, rezando, parando, pensando. Era uma vida feita para o pensamento, para o recolhimento e para um trabalho que não esmaga, próprio aos filhos de Deus.

A vida cotidiana numa pequena cidade medieval não parece muito mais agradável do que nas imensas construções modernas? As proporções eram humanas, nada esmagava, não havia confusão nem labirintos. Pelo contrário, havia a paz, a seriedade, o trabalho ordenado, os bons nervos; sobretudo, o recolhimento, a piedade, a felicidade. ✣

Extraído, com adaptações, de: *Dr. Plinio*. São Paulo. Ano XXIV. N.285 (dez., 2021), p.28-35; Ano XXVI. N.304 (jul., 2023), p.32-35

[1] O Castelo de Neuschwanstein, construído na segunda metade do século XIX.

Obras de Claude Lorrain

Poesias em pintura

Assim como a luz do sol dá vida a todas as coisas, Claude Lorrain soube conferir algo de celestial à realidade terrena, e seus quadros remetem nosso espírito ao Céu.



Ir. Priscilla Stephanie Lourenço Cerqueira

Reprodução

Ao longo da História, o homem procurou de muitas formas representar em arte a natureza de seu entorno, transcendendo a mera realidade e a enriquecendo – através de esplendores, proporções ou cores – com algo de sua própria percepção e desejo do maravilhoso.

Essa tendência de sublimar as realidades terrenas tomou novos matizes após o homem ter perdido, pelo pecado, o Paraíso de delícias e belezas incomparáveis concedido por Deus, do qual nutre profunda saudade. Nesta terra de sofrimentos ele se sente um rei destronado, um príncipe exilado de sua verdadeira pátria e, em tão penosa situação, ou buscará recobrar algo da sublimidade do Éden, ou enfeará e destruirá o que lhe resta, entregando-se às paixões desordenadas e degradando-se, num gesto de revolta semelhante ao de Lúcifer.

Ao buscar os aspectos paradisíacos das coisas, a alma humana procura em última análise a perfeição divina, ainda que às apalpadelas, e neste ato de louvor realiza o fim para o qual foi criada. Ademais, através da arte o homem, pobre desterrado, possui uma garantia de que o Senhor está e permanecerá conosco até o fim dos séculos (cf. Mt 28, 20) e que, no final desta vida, poderá alcançar no Reino dos Céus a felicidade perfeita, o Paraíso dos filhos de Deus, incomparavelmente superior ao Paraíso Terrestre.



Reprodução

Ao buscar o aspecto paradisíaco das coisas, o homem procura, em última análise, a perfeição divina

Autorretrato do pintor Claude Lorrain; acima, "Paisagem rural" - Instituto de Arte de Minneapolis (Estados Unidos)

Por essas e outras razões, a Santa Igreja foi em todas as épocas mestra, propulsora e guardiã de tudo quanto houve de maravilhoso no mundo; sob sua custódia, as mais diversas expressões artísticas se desenvolveram de maneira superlativa.

Com espírito de oração, pois, admiremos nestas páginas as obras do pintor Claude Gellée, mais conhecido como Claude Lorrain, um luminoso exemplo – na força do termo, como se verá – da tentativa por parte do homem de sublimar as realidades terrenas.

O pintor do sol

Dentre os inúmeros artistas do século XVII, alguns inclusive anônimos, Claude Lorrain destaca-se pela beleza e esmero de suas obras. Originário da Lorena, leste da França, como tantos outros fez progressos na arte começando como aprendiz junto a renomados mestres da pintura italiana.

Tendo se instalado em Roma, inspirou-se em tendências então florescentes, infelizmente licenciosas quase





Fotos: Reprodução

"Seu estilo é diáfano, encantador, e revela uma habilidade única de reproduzir em suas telas aquilo sem o que as coisas não seriam senão o que elas são: a luz do sol. Lorrain é o pintor do sol"

À esquerda, "Paisagem marinha com Ezequiel chorando sobre as ruínas de Tiro" - Coleção particular; à direita, "O embarque de Santa Paula" - Museu do Prado, Madri

em sua generalidade. Não obstante, em seu próprio atelier Claude legou para a posteridade um caleidoscópio de concepções sobre a natureza e, sobretudo, uma feérica e ímpar representação dos efeitos da luz solar sobre panoramas, construções, ruínas e personagens.

Comentando suas obras, observa Dr. Plinio Corrêa de Oliveira: "Seu estilo é diáfano, encantador, e revela uma habilidade única de reproduzir em suas telas aquilo sem o que – no dizer de um poeta francês – as coisas não seriam senão o que elas são: a luz do sol. Lorrain é o pintor do sol".[1]

Em outra ocasião, apontou: "O melhor de Lorrain está no fato de ele pintar tudo de uma terra concebida como se fosse um paraíso terrestre. Quer dizer, a luz saída de sua palheta confere um aspecto paradisíaco ao mundo, à vida terrena e, nessa perspectiva, desperta no homem um certo desejo de uma ordem de coisas que esteja acima desta palpável e temporal que encontramos todos os dias. Na verdade, assim como Fra Angélico soube dar uma impressão de sobrenatural nas faces de suas personagens, assim Claude Lorrain transmitiu algo de celestial nas suas obras".[2]

A vida em seu esplendor ideal

Efetivamente, é notável a maneira como o pintor derrama, em incontáveis matizes, a cálida luz solar sobre todos os detalhes postos por sua imaginação na tela.

É o que se vê, por exemplo, em *O embarque de Santa Paula*. Palacetes dourejados sob os raios do entardecer, navios prontos a zarpar logo que plenamente tripulados, a amena e esguia figura da Santa com seu *entourage* e a vivacidade de alguns devotos que lhe suplicam um favor ou uma esmola… Tudo converge para uma profunda e serena análise da vida e de como ela seria em seu esplendor ideal.

Com verdadeiro estro – qual um músico de gênio, capaz de compor as várias melodias de uma sinfonia em contrapontos, em progressões, em modulações –, das pinturas de Lorrain se desprende a consonância na combinação de diferentes figuras e motivos, comparável ainda aos versos de uma poesia. "Claude Gellée pintou a beleza serena do campo latino, o jogo da luz sobre as águas dos portos. Em composições assim ordenadas […], ele conseguiu através de simples gradações de cores trazer a poesia da natureza e o infinito do espaço. Claude Gellée foi um intuitivo e um poeta".[3]

Gravidade, exuberância e paz

Algumas de suas obras apresentam certa dose de melancolia. Em *Paisagem marinha com Ezequiel chorando sobre as ruínas de Tiro*, por exemplo, vemos o brilho de um crepúsculo, em dourado vivo, dardejando uma réstia





Fotos: Reprodução

Nas cenas de campo, aprecia-se tanto a vitalidade da natureza quanto a tranquilidade dos elementos que a compõem

No alto, "Paisagem com a viagem de Jacó" - Instituto de Arte Clark, Williamstown (Estados Unidos); abaixo, "Paisagem pastoril" - Museu de Arte Kimbell, Fort Worth (Estados Unidos)

de luz sobre o sombrio mar turquesa escuro, o que ressalta a cena pungente do profeta que lamenta as ruínas de uma cidade amaldiçoada, sobre a qual o astro rei verte seus raios à maneira de um canto de cisne…

Já nas cenas de campo, como em *Paisagem com a viagem de Jacó* ou *Paisagem pastoril*, aprecia-se a vitalidade saltitante das cabras e bois conduzidos por Jacó e o sereno pastar das ovelhas guardadas pelos expressivos e circunspectos pastores. Nesta última pintura, degusta-se a tranquilidade dos animais devido à simples presença de seus donos a lhes conferir a segurança de que nada de mau sucederá enquanto estiverem sob o seu olhar. É a perfeita representação do versículo: "O Senhor é meu Pastor, nada me faltará" (Sl 22, 1).

Que o Espírito Santo inspire novos talentos!

Há algo que sintetiza a atração quase única exercida pelas paisagens de Claude Lorrain, um fator mítico, surreal, maravilhoso, como descreve Dr. Plinio: suas obras "envolvem um certo grau de 'sonho'. Porque todas essas reminiscências históricas insinuavam um sonho mais bonito do que elas. E é o próprio da arte. Era, portanto, preciso saber sonhar um tanto tudo isso para penetrar no fundo da realidade. O sonho não é necessariamente uma evasão da realidade, mas, conforme o caso, é um aprofundamento. […] Nesse ponto, o fator sonho foi muito ilustrado por Claude Lorrain".[4]

Por esses "sonhos" em tela que são as obras do pintor francês, um dos milhares de frutos do inesgotável amor do Criador pela humanidade, rendamos graças ao Espírito Santo por intercessão de Nossa Senhora, e peçamos que Ele inspire ainda novos talentos, os quais enriqueçam a panóplia das belas artes, reflexos e espelhos do Deus Infinito! ✣

---

[1] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Feerias de sol, belezas de Deus. In: *Dr. Plinio*. São Paulo. Ano III. N.22 (jan., 2000), p.32.

[2] Idem. Percepção do sobrenatural. In: *Dr. Plinio*. São Paulo. Ano X. N.116 (nov., 2007), p.33.

[3] DUBY, Georges (Dir.). *Histoire de la France. Dynasties et révolutions: de 1348 à 1852*. Paris: Larousse, 1971, v.II, p.165.

[4] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Palestra*. São Paulo, 15/4/1983.



Deus é "pulcrífico"



Pe. Eduardo Miguel Caballero Baza, EP

Uma coisa é dizer uma verdade; outra, proclamá-la com elegância. Uma coisa é praticar uma boa ação; outra, realizá-la com dedicação. Nesses casos, a elegância e a dedicação constituem notas distintivas do belo – *pulchrum* –, pois quando a verdade e a bondade unem-se com certo esplendor, a beleza resplandece.

Não por acaso ficou consagrada na tradição tomista a expressão: o belo é o esplendor do bem e o esplendor do verdadeiro – *splendor boni*, *splendor veri*. Com efeito, o verdadeiro, o bem e o belo estão intimamente relacionados. O bem é belo e verdadeiro, e conduz ao Sumo Bem; a verdade é boa e bela, e leva à Suma Verdade; a beleza é verdadeira e boa, e encaminha à Suma Beleza. Bem, Verdade, Beleza: Deus, o Ser por essência, de quem decorre, por participação, todo bem, toda verdade, toda beleza.

Mas o que têm o verdadeiro, o bem e o belo para serem tão especiais? Eles são "modos do ente" (*De veritate*, q.1, a.1) ou transcendentais do ente. E o que isso quer dizer? Conforme a Filosofia perene, denomina-se *transcendental* a uma propriedade fundamental do ente, que o acompanha pelo simples fato de *ser*. Pertence, portanto, a todos os entes – anjos, homens, animais etc. – e não a alguma categoria particular deles. Aristóteles foi o primeiro a tratar sobre essas noções, posteriormente explicitadas por Filipe, o Chanceler (c.1160-1236), e sublimadas por São Tomás de Aquino.

Partindo dos postulados do Estagirita, o Doutor Angélico conferiu a essas propriedades do ente uma formulação singular, graças à profundidade de sua metafísica. Desde então se tornou mais claro que o uno, o verdadeiro e o bem são, antes de mais nada, atributos do Ser subsistente por si mesmo – Deus –, medida de tudo o que possui unidade, verdade e bondade por participação d'Ele (cf. *De veritate*, q.1, a.1; q.21, a.1; 3; *De potentia Dei*, q.7, a.2, ad 9; q.9, a.7, ad 6).



Deus é a medida de tudo o que possui unidade, verdade e bondade por participação d'Ele, e causa da beleza de todas as coisas

Deus Pai - Basílica de Santa Joana d'Arc, Domrémy-la-Pucelle (França)

O Aquinate não inclui explicitamente o *pulchrum* entre os transcendentais do ser. Tampouco nos deixou um tratado específico sobre o belo, nem dedicou a esse tema a mesma atenção que concedeu ao verdadeiro e ao bem.

Ainda assim, a partir de passagens dispersas de sua obra, é possível reconstruir uma genuína teoria da beleza, pela qual se pode afirmar que o *pulchrum* é uma propriedade transcendental do ser, diferente das demais.

São Tomás afirma que são belas todas aquelas coisas que ao serem vistas agradam (cf. *Suma Teológica*. I, q.5, a.4, ad 1). Segundo alguns, ele mostra certa tendência a considerar a beleza como uma propriedade física: o esplendor da forma, que toca os sentidos (cf. ibid., I-II, q.27, a.1, ad 3). Essa interpretação, porém, é insuficiente, pois o Angélico afirma explicitamente existir uma beleza espiritual, na qual o homem tem comportamento e atividade bem equilibrados pelo esplendor espiritual da razão (cf. ibid., II-II, q.145, a.2).

Desse modo, Deus pode ser denominado "pulcrífico", *aquele que produz beleza*, porque é causa da beleza em todas as coisas, transmitindo-lhes luz e esplendor (cf. *Super De divinis nominibus*, c.IV, lect.5, n.340). De fato, toda beleza que possa haver nas criaturas é participação da Beleza Absoluta (cf. ibid., n.346).



Bo35bo35 (CC by 4.0)

Quem será lembrado?

A lembrança de alguns preenche as páginas do passado, a de outros traça as linhas do futuro. A daqueles permanece como uma estátua; a destes vive pelos séculos…



Giovanni Nazareno Clini de Figueiredo

Roma, senhora de uma grande era histórica. À invocação de seu nome, ares de domínios inelutáveis invadem os palcos das mentes. Pétreos, imponentes e invencíveis são seus heróis; fortes, altaneiros e orgulhosos, os seus homens. Nela a lenda se confunde com a história, ou melhor, sua história é lendária!

Quase todo o mundo antigo conhecido foi submisso à cidade das sete colinas. Seus imperadores, ao contemplar o panorama na cima de seus magníficos palácios, podiam estar certos de que em breve o orbe lhes faria vênia… De fato, dia viria em que seu domínio não conheceria o sol poente.

Um homem, contudo, subjugou – não por força das armas, mas apenas pela influência de sua personalidade – tão indomável senhora; fazendo da déspota da Antiguidade a rainha do futuro, outorgou-lhe sua verdadeira identidade. Tal vencedor foi Jesus, a quem reconhecemos como o Cristo!

Iniciado o terceiro século da era cristã, já grande parte do império começava a iluminar-se ao brilho da Santa Cruz. Na Gália romana, um arauto apregoava esses primeiros fulgores, para que o império não conhecesse o ocaso do verdadeiro Sol.

Em Toulouse, um cultivo

No século IV antes da Redenção, Toulouse foi submetida à dominação celta e começou a ter lugar nos registros históricos.[1] Mais tarde, em 128 a.C., Roma fez-se reconhecer como soberana também nesta região da Gália bárbara. A despeito de ter sido vencida ou, quiçá, graças a seus dominadores, afigurava-se cada vez mais esplendorosa a antiga cidade gaulesa! O progresso imperial edificava a civilização por onde passava: construções soberbas e vias intermináveis que estarrecem os engenheiros modernos, um código de Direito irreprochável que ainda hoje nos inspira. Só lhes faltava uma coisa… aliás, *uma coisa* não, *um Deus*.

Esse Deus único não abandonou a humanidade à sua sorte, *a fortiori* depois de ter enviado seu Filho para resgatá-la. Instituiu a propagação da Boa-Nova, ordenando: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15). No território de Toulouse, o primeiro a cumprir tal missão seria Saturnino.

Saturnino entra na História qual novo Melquisedeque, de quem a Escritura apenas registra ter sido "sem pai, sem mãe, sem genealogia" (Hb 7, 3). Seu nome – diminutivo de Saturno, um dos muitos deuses da Roma pagã – é tão comum quanto banal para a época, e nenhum dado relevante nos oferece acerca do personagem. Além disso, não se sabe ao certo se ele provinha do império ou de alguma região do Oriente, pois há lendas que sustentam ambas as hipóteses e os relatos com informações mais precisas de sua vida são posteriores ao seu ingresso em Toulouse, portanto, já enquanto Bispo.

A história de São Saturnino tornou-se objeto de inúmeros mitos, para o que pouco contribuiu a crônica oficial, pois o Martirológio Romano transmite em lacônicas palavras sua existência. Apenas sabemos com certeza que ele foi o primeiro prelado de Toulouse, onde deixou a lembrança de um pastor exemplar.

Chegado àquelas terras, descobriu ser pequeno o número dos fiéis a Jesus Cristo; contudo, as palavras do Verbo de Deus, transmitidas com celeste eloquência, encontraram nos corações solo fértil, produzindo logo "cem frutos por um" (Lc 8, 8).

Pedregulhos, espinhos e cardos…

Saturnino era incansável! Com verdadeiro zelo apostólico, cuidava não só das ovelhas de seu limitado rebanho, mas também era solícito para com os demais membros do Corpo Místico de Cristo. Com frequência o santo Bispo cruzava os Pirineus para evangelizar o território ibérico. Diz-se que em

Pamplona ele chegou a batizar – pasme o leitor – quarenta mil pessoas!

De regresso a Toulouse, deparou-se com duas damas, filhas do rei de Huesca, e, discernindo nelas um especial chamado, exortou-as à fé em Cristo. Convertidas, ambas o seguiram até sua diocese. No futuro, essas moças – lembradas pela Igreja como *Santas Donzelas* – corajosamente se empenhariam em recuperar os restos mortais de seu Bispo após o martírio.

Com tantas almas salvas, pode-se imaginar o regozijo dos Anjos das nações privilegiadas pela presença deste insigne pastor. Todavia, pode-se entrever também o ódio dos infernos por ver o quanto seu poder decrescia… Assim, a despeito das conquistas da Cruz, as almas dos maiorais do tempo tornavam-se cada vez mais um solo pedregoso, repleto de espinhos e cultivado pelo demônio (cf. Lc 8, 12-14). Não tardou muito para que os frutos de tão péssimo substrato se fizessem notar.

No ano de 250 desencadeou-se a maior perseguição à Igreja já registrada na Gália. Sob a chefia do Imperador Décio, foram publicados editos pelos quais os cristãos eram obrigados, sob pena de morte, a se encurvar publicamente à idolatria, prestando culto a divindades pagãs.

Qual a razão? O silêncio… não dos cristãos, mas dos deuses, o qual era necessário fazer cessar.

De fato, o tempo passava e, apesar de os sacerdotes pagãos implorarem aos seus ídolos prodígios, sinais e oráculos que os guiassem, a resposta tornava-se sempre a mesma, um denso silêncio… Só podia haver uma explicação para tal mutismo, pois nos últimos anos alguém havia transtornado a Gália: era aquele varão desconhecido, cuja doutrina congregava multidões. Saturnino era o culpado!

Com esse argumento, as autoridades civis e religiosas de Toulouse coligaram-se para fazer valer o edito imperial, e quiseram sufocar as sementes de fé recém-lançadas no solo francês, pedindo a vida do semeador.

Incenso ou sangue?

Certo dia, sacerdotes pagãos avistaram o Bispo Saturnino caminhando nas proximidades do templo de Júpiter. Tendo excitado a multidão, quiseram obrigá-lo a sacrificar aos deuses publicamente.

O Santo resistiu com audácia à infame proposta: "Eu adoro um único Deus e somente a Ele oferecerei sacrifícios de louvor. Vossos deuses são maus e se comprazem mais com o sacrifício de vossas almas do que com o de vossos touros. Como eu poderia temê-los, se vós mesmos reconheceis que eles tremem diante de um cristão?" Tal era a sua energia que a turba não quis recorrer ao processo ordinário de condenação e, julgando suficiente a tácita aprovação dos magistrados romanos, apoderou-se do insubordinado Bispo.

Prenderam-no a um touro que estava prestes a ser imolado, e fizeram com que o animal fugisse indomável pelas ruas, despedaçando-o. Sem o querer, o motim popular regou com esse holocausto toda a plantação que o Bispo havia semeado, e sua vitimação fez brotar a fé naquela região, gerando posteriormente muitos frutos.

A memória do justo é eterna!

A Roma pagã quiçá seja lembrada por seu passado; a Igreja Católica Apostólica Romana, pelo contrário, nunca será olvidada, pois tem um triunfante porvir. Com heróis de pedra o antigo império materializou seu prestígio; com Santos e mártires a sempre reinante Esposa de Cristo imortalizou sua glória.

Saturnino, por sua integridade de vida levada até uma crudelíssima morte, fez-se contar no catálogo da Santa Igreja, e com esta insigne Mãe ele dominou por séculos os corações daqueles que nunca pensaram que a alguém seriam submissos.

Assim, aquele que pelo nome era pequeno, fez-se grande pelo exemplo, o qual, por todo o futuro, será sempre seguido. ✣

---

[1] Os dados históricos e biográficos que constam neste artigo foram tomados de: DUMAS, Antoine. San Saturnino de Tolosa. In: ECHEVERRÍA, Lamberto; LLORCA, SJ, Bernardino; REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año cristiano*. Madrid: BAC, 2006, v.XI, p.692-697; BUTLER, Alban. *Vidas de los Santos*. México, D.F.: John W. Clute, 1965, v.IV, p.441-442.



Reprodução

Regando com o próprio sangue o solo onde lançara as sementes do Cristianismo, São Saturnino fez com que a fé brotasse em Toulouse

Martírio de São Saturnino - Missal de Jean de Foix - Biblioteca Nacional da França, Paris; na página anterior, São Saturnino, igreja a ele dedicada em Marcilly-sur-Maulne (França)

Ela está sempre ao nosso lado!

Ainda que as aparências por vezes digam o contrário, em vista de um bem maior, Dona Lucilia atende sempre, e até de modo inexplicável, aos incessantes pedidos de quem a ela recorre.



Elizabete Fátima Talarico Astorino

Os franceses comentam, com certa graça, que a saúde é um estado precário que sempre termina mal… A máxima, porém, muitas vezes se aplica de modo bastante atenuado aos que depositam sua confiança na intercessão de Dona Lucilia.

Com efeito, ela não seria verdadeiramente maternal se se eximisse de suprir – em todos os campos, inclusive no tocante ao bem-estar físico – as necessidades daqueles que pedem seu auxílio. Por essa razão, pode-se afirmar que, além de mãe, ela é "médica", pois assiste com desvelo verdadeiramente infatigável os seus filhos espirituais.

Pequena nota de agradecimento

Basta confiar-lhe nossas apreensões por meio de uma simples oração para sermos atendidos. Assim o testemunha Da. Carolina Gomes Nascimento, de Vale de Nogueiras, Vila Real, em Portugal:

"Venho agradecer uma graça que recebi através da Dona Lucilia. A minha sobrinha teve um problema bastante grave no pulmão. Eu pedi a Dona Lucilia que rogasse a Deus e ao Sagrado Coração de Jesus por ela. Essa graça me foi concedida! Eu agradeceria muito que esta graça fosse publicada. Sou assinante da Revista há muitos anos e sinto-me mais confortada quando leio a vossa Revista".

Durante a gravidez, um estranho mal-estar

Já para Da. Michelle Cavalheiro, residente em Mairiporã (SP), o eficaz auxílio de Dona Lucilia veio em meio a uma inusual moléstia surgida durante a gestação de seu quarto filho, João – o qual, aliás, ela mesma havia pedido e obtido graças à intercessão dessa bondosa senhora.

Cerca do sexto mês de gravidez, Da. Michelle gozava de bom estado de saúde, os resultados de seus exames estavam ótimos e o desenvolvimento do bebê corria em completa normalidade. Sem embargo, numa manhã de sábado acordou com uma forte dor de cabeça, que repercutia até o pescoço, e um mal-estar bastante estranho. Seguem suas palavras:

"Eu levei como simples incômodo. Conversei com o meu esposo e com as crianças para irmos andando até o *shopping* perto de onde nós morávamos, em Cajamar, para ver se eu me sentia um pouco melhor, porque às vezes um exercício assim deixa a pessoa mais disposta. Mas quando chegamos ao *shopping* eu percebi que as coisas foram piorando…"

Da. Michelle sentia-se desfalecer e receou desmaiar a qualquer momento. Em vista disso, deixou o esposo e as crianças na área de brinquedos e dirigiu-se até a enfermaria do *shopping* para receber ajuda. A enfermeira de plantão mediu



Reprodução

Seja como mãe ou "médica", Dona Lucilia sempre demonstra um desvelo infatigável para com seus filhos espirituais

Dona Lucilia com seu bisneto

sua pressão e constatou que estava muito alta. Alarmada, insistiu para que Da. Michelle entrasse numa ambulância de imediato rumo ao hospital. Mas como ela precisava buscar alguns objetos em casa, resolveu voltar numa condução até lá e só depois partir em direção ao pronto-socorro.

No hospital comprovaram que sua pressão estava em extremo alterada, mas não conseguiram identificar a causa. Estabilizaram o quadro com medicação, e Da. Michelle pôde conversar com o médico a fim de saber qual era o seu parecer a respeito. Este não possuía dados suficientes, mas acreditava estar diante de um possível início de infarto.



Reprodução

Pela intercessão de Dona Lucilia, Da. Michelle obteve o que a medicina não pôde realizar nem sequer explicar

Da. Michelle Cavalheiro junto a seu esposo e seus filhos

Inexplicável melhora

Devidamente medicada, Da. Michelle passou bem o restante do dia e voltou para casa. O domingo foi um dia também muito tranquilo, mas na segunda-feira reapareceu o mal-estar, obrigando-a a buscar ajuda numa Unidade Básica de Saúde próxima à sua residência. Os exames de sangue acusaram alterações preocupantes, razão pela qual Da. Michelle foi encaminhada para a maternidade de Santana de Parnaíba. Continua o relato:

"Eu pedi ao meu esposo que levasse as crianças para casa a fim de cuidar delas e assim poder, quando fosse necessário, voltar para o hospital. Enquanto eu estava sozinha esperando a ambulância, fiquei bastante apreensiva, sentindo-me muito mal por tudo o que estava sucedendo. Então lembrei-me de Dona Lucilia e lhe disse: 'A senhora é mãe e entende o que está acontecendo, o meu medo de deixar as crianças e não dar o suporte necessário para elas. Veja a minha preocupação com eles e comigo, cuide da minha saúde…'

"Comecei a rezar para Dona Lucilia, pedindo muito, implorando para ela me ajudar. No percurso de ambulância até chegar à maternidade de Santana de Parnaíba, eu fui rezando o Terço e pedindo muito a intercessão dela".

Seguindo os protocolos do hospital, Da. Michelle teve de aguardar certo tempo até ser atendida. Afinal, quando foi examinada, a médica não encontrou nem vestígio do mal-estar que a acometera. Admirada, comentou com sua paciente: "É inexplicável o que aconteceu! Está tudo em ordem com a senhora… sua saúde está bem, está tudo controlado, a pressão, o coração, o bebê também está muito bem… Não tenho como explicar!"

Para Da. Michelle, porém, estava tudo claro: "Naquela hora eu pensei: 'Tem como explicar sim! Nossa Senhora e Dona Lucilia me ajudaram!'"

O restante da gravidez transcorreu sem complicações, e João nasceu em excelentes condições.

Uma prova de fé

Ainda para corroborar o quanto o auxílio de Dona Lucilia não falha, conta-nos Da. Michelle outra graça obtida por sua intercessão:

"Um relato mais recente foi de uma cirurgia que eu fiz para reposicionar o intestino, pois tive uma diástase muito profunda e estava com várias hérnias; a única solução era essa cirurgia".

O caminho para conseguir tal intervenção foi árduo, mas, graças ao auxílio de Dona Lucilia, tornou-se possível a operação. Entretanto, durante o processo de recuperação Da. Michelle teve um problema com a cicatrização do corte, e uma região do abdome começou a necrosar. A médica que a tratava ficou muito apreensiva, prescreveu várias medicações e curativos. Explica Da. Michelle:

"Naquela noite eu fiquei bem transtornada, decepcionada e triste com a situação. E pedi o auxílio de Dona Lucilia, dizendo: 'Amanhã essa ferida vai estar bem, porque Dona Lucilia vai me ajudar!' Foi uma afirmação fortíssima, cheia de convicção: 'Eu tenho a certeza de que amanhã a minha pele vai estar sã! Dona Lucilia não vai permitir necrosar!' Fiz o curativo e fui dormir. Mas no dia seguinte já estava meio receosa, a segurança do dia anterior, aquela fé estava abalada… 'Será que vai estar bem agora?'"

Mais uma vez Da. Michelle comprovou que sua oração não fora em vão:

"Quando eu abri o curativo, o ferimento estava limpo! Já se formara um machucado saudável! Para mim essa é uma das maiores provas da intercessão de Dona Lucilia em minha vida, o quanto que ela é rápida para interceder, o quanto ela não deixa de atender seus filhos espirituais!"

Complicações e dramas no hospital

Consolar os que sofrem, aliviar suas dores, ampará-los nas necessidades, são papéis que Dona Lucilia sabe muito bem exercer.

De Lauro de Freitas (BA), Da. Edilene Oliveira Soares enviou-nos um tocante relato de intervenção de Dona Lucilia em sua vida, logo depois de uma forte provação.

Seu esposo havia sofrido uma perfuração de intestino durante um procedimento médico, iniciando uma terrível seguidilha de padecimentos e contrariedades ao longo de sessenta dias de hospitalização.

Para Da. Edilene foram momentos muito difíceis, durante os quais recebeu apoio e conforto de sua irmã, Da. Juliana, muito devota de Dona Lucilia. Por meio dela, Da. Edilene conheceu Dona Lucilia e tomou-a como intercessora no caso do seu esposo. Eis suas palavras:

"Num dia que liguei para minha irmã, ela me falou de Dona Lucilia. Eu nem sabia que ela existia, na verdade. Minha irmã me contou que tinha acendido uma vela pedindo a Dona Lucilia que tomasse a direção de tudo, desse a cura ao meu esposo, cuidasse dele e de mim também".

A situação piorava cada vez mais e o estado médico de seu marido era desolador. Algumas cirurgias não tiveram o êxito esperado e um surto infeccioso muito grave comprometeu sua recuperação, ocasionando um processo convulsivo que o levou a ficar internado vinte dias na UTI.

Transferido de hospital em hospital, mais procedimentos se faziam imperiosos, mas o organismo de seu esposo não reagia. Nem sequer a realização de uma passagem de sonda para alimentação foi possível. O seu esposo julgava que não resistiria a tantos padecimentos, e Da. Edilene, que fielmente o acompanhava, encontrava-se abatida e exausta.

Eis como ela nos narra tal drama: "Apesar da fé que tenho, em alguns momentos eu achei que ele não iria suportar, até mesmo pela idade. Mas eu pedi muito a Deus, a Nossa Senhora de Fátima, e eu lembrava de rezar também a Dona Lucilia. Através de muita graça e de muita bênção, ele se recuperou o suficiente para que os médicos resolvessem dar-lhe alta!"



Para Da. Edilene, o consolo e o carinho que recebeu de Dona Lucilia foram o sinal de que essa boníssima mãe sempre estaria a seu lado

Da. Edilene Oliveira Soares

"Eu estou com você…"

Na primeira semana após o retorno de ambos à sua residência, Da. Edilene teve um sonho muito peculiar:

"Vi uma senhora. Eu chorava muito com ela, como se o meu esposo tivesse falecido. Mas ela me consolava dizendo que ainda não era o momento, pois não tinha chegado a sua hora. Olhando de relance, achei que aquela senhora era a minha avó. E me assustei, porque não sabia se estava dormindo ou acordada… De repente, senti alguém acariciando a minha cabeça e alisando as minhas mãos e os meus braços com muito amor.

"Então eu acordei, olhei ao lado da minha cama e vi essa mesma senhora, de cabelos brancos, um pouco semelhante à minha avó. Olhei para ela e perguntei: 'Vó, é a senhora?' Ela respondeu: 'Não, eu não sou a sua avó, mas estive e estou com você a todo momento'. Foi quando eu percebi tratar-se de Dona Lucilia, justamente aquela senhora sobre a qual minha irmã me havia falado e até me enviado uma foto! Era ela!"

Feliz e admirada por tê-la junto a si, Da. Edilene ergueu-se na cama para vê-la melhor, mas nesse instante Dona Lucilia desapareceu…

Assim termina seu relato: "Após essa visão eu chorei muito, pois a vi de modo muito nítido ao meu lado alisando meus braços e passando a mão no meu rosto e na minha cabeça, me abençoando e falando que ela esteve e estaria comigo!"

Não há melhor remédio para um coração sofrido do que o consolo e o carinho de uma mãe. Para Da. Edilene essa experiência com Dona Lucilia, após tão longa provação, foi o sinal de que as nuvens negras afinal se afastavam, e Dona Lucilia, da eternidade, cuidaria dela como a mais terna das mães.

Que esses singelos depoimentos nos façam crescer na confiança e na devoção a Dona Lucilia, certos de que também para nós ela será uma grande intercessora, uma médica e uma boníssima mãe!

...que o nome "Eva" não foi escolhido por acaso?

Quiçá certa perplexidade já tenha assaltado o leitor ao deparar-se com a passagem do Gênesis: "Adão chamou a sua mulher Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes" (3, 20). Afinal, que relação há entre "ser mãe de todos os viventes" e o nome "Eva"?

Na cultura ocidental, a escolha de um nome costuma atender a desejos diversos: honrar um antepassado, seguir uma moda ou simplesmente satisfazer o gosto por determinada sonoridade... Em tradições orientais, porém, ainda hoje se conserva o hábito de designar os novos membros da família com um nome-símbolo, como *Cisne* ou *Muralha*, expressão das esperanças depositadas pelos pais naquela alma.

Tal costume prevalecia nos tempos bíblicos, como se nota no trecho do Gênesis acima citado. *Eva*, em hebraico *Hawwah*, significa *vida*. O versículo poderia, então, ser lido assim: "Adão chamou a sua mulher Vida", indicando a sua missão de mãe. Na versão grega dos Setenta, o significado foi preservado ao traduzir *Eva* por ζωή, *vida*. Já na Vulgata Latina o nome foi apenas transliterado do hebraico, originando versões semelhantes nas línguas românicas e em outras línguas modernas.

Ao sair do Paraíso, Adão parecia lembrar à sua esposa como, no duro exílio, a aliança divina permanecia *viva* na promessa de uma descendência. Mais do que causa da morte, ela era, nos desígnios divinos, *Eva*: prefiguração d'Aquela que seria denominada a *Nova Eva*, Maria, a quem caberia gerar a humanidade para a verdadeira Vida. ✣



Reprodução

Maria, Nova Eva - Igreja da Imaculada Conceição, Montreal (Canadá)

...que os mortos podem ser ajudados pelos vivos?

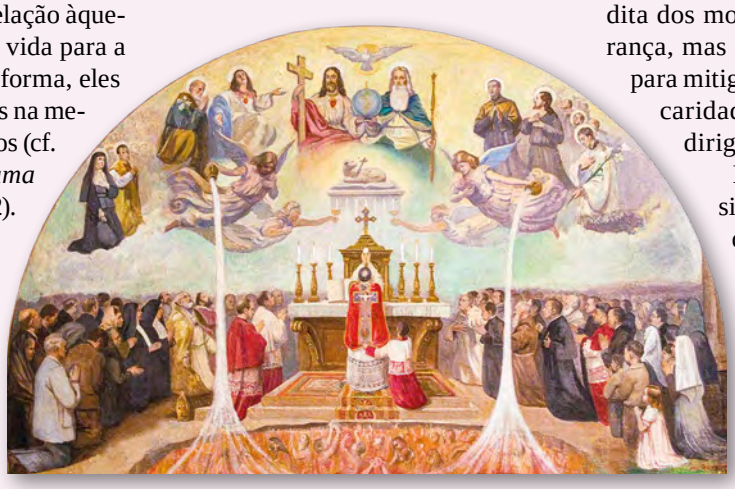
A caridade é o vínculo que une os membros da Igreja e, como proclamou o Apóstolo, ela "jamais acabará" (I Cor 13, 8), pois "nem a morte, nem a vida [...] nos poderá apartar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus" (Rm 8, 38-39). Isso se verifica de modo especial em relação àqueles que já passaram desta vida para a outra, visto que, de certa forma, eles permanecem sempre vivos na memória dos seus mais íntimos (cf. São Tomás de Aquino. *Suma Teológica*. Suppl., q.71, a.2).

Por essa razão, também aqueles que se purificam no fogo do Purgatório podem beneficiar-se do auxílio dos vivos. Como? Segundo São Tomás (cf. ibid., a.9), três são as principais obras que melhor aproveitam aos falecidos, por estarem intimamente ligadas à comunicação da virtude da caridade.

Primeiramente a Sagrada Eucaristia, Sacramento da união que contém Aquele no qual toda a Igreja se consolida. Por isso é importante encomendar intenções de Missas pelos defuntos. A esmola também tem seu papel, por ser um efeito da caridade. Por fim, a oração possui valor precípuo, pois implica uma relação mais direta por quem se reza.

Em suma, o sufrágio oferecido pelos vivos não altera o estado de desdita dos mortos para a bem-aventurança, mas contribui, antes de tudo, para mitigar a pena expiatória, pela caridade e pela intenção a eles dirigida.

Não percamos, pois, ocasião de ajudar as almas dos que nos precederam, tendo presente esta verdade indiscutível: um dia também nós dependeremos do socorro dos membros da Igreja Militante que, pela caridade e pela Comunhão dos Santos, estão unidos à Igreja Padecente. ✣



Francisco Lecaros

Benefícios da Missa para a Igreja Militante e para a Igreja Padecente - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Montevidéu



Fotos: Frank Murphy

Canadá – No dia 6 de setembro, a casa dos Arautos do Evangelho em Toronto acolheu os membros do Apostolado do Oratório "Maria, Rainha dos Corações" para mais um encontro anual. Houve procissão pela propriedade, com a recitação do Terço, e a celebração da Santa Missa, seguida de um momento de confraternização.





Fotos: Aída Linares

Cristiane Marques

Guatemala – Levando conforto e esperança, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou no dia 20 de agosto o Hospital Geral de Acidentes Ceibal, em Mixco (fotos 1, 2 e 3), e em 4 de setembro a casa geriátrica Day & Night (fotos 4 e 5), na Cidade da Guatemala. No dia 24 de setembro o Colégio Vila das Meninas, também na capital, acolheu a Rainha dos Céus, ocasião em que cento e setenta alunas fizeram sua consagração a Jesus pelas mãos de Maria, segundo o método de São Luís Grignion de Montfort (foto 6).





Fotos: Javier García







Jesse Arce

Colômbia – Sacerdotes de diversas dioceses e institutos religiosos do país congregaram-se no complexo da Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, para um retiro pregado pelo Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP, entre os dias 22 e 24 de setembro (foto 1). A Missa de abertura foi presidida por Dom Héctor Cubillos Peña, Bispo de Zipaquirá (foto 2). Durante esse mês, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou diversas comunidades da Diocese de Palmira, entre as quais a Paróquia Sagrada Família, na mesma cidade (foto 3), e a Paróquia Imaculada Conceição, em Pradera (foto 4). No dia 18 de setembro o concerto "Uma viagem da oração à esperança" reuniu, na mencionada Igreja Nossa Senhora de Fátima, a Orquestra Sinfônica e o Coro Nacional da Colômbia, aos quais se uniu a Schola Cantorum da Virgem de Fátima nas peças finais (foto 5).







Fotos: Aldo Leone

África do Sul – A Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria espargiu suas bênçãos sobre a região metropolitana de Joanesburgo, visitando diversas residências em Germiston, Lenasia e Florida (fotos 1 e 2), bem como a Paróquia São Bento, em Sebokeng (foto 3).



Ivo Criollo





José Cali

Equador – No dia 15 de agosto, os fiéis das Paróquias Maria Rainha (foto 1) e Santo André (foto 2), ambas em Guayaquil, honraram a Assunção de Maria aos Céus com a recitação do Rosário da aurora. Dias depois, a Santíssima Virgem também recebeu as manifestações de devoção de seus filhos da Paróquia Nossa Senhora da Unidade, na mesma cidade, por ocasião do 25º aniversário do Apostolado do Oratório "Maria, Rainha dos Corações" (foto 3).



Preentham D'Silva





Rosana González







Fotos: Francisco Espínola

Paraguai – Membros dos Arautos presentes no país animaram as festividades dos padroeiros da Paróquia Nossa Senhora da Natividade em Quyquyhó, no dia 6 de setembro (foto 1), e da Granja Penitenciária Ko'e Pyahu em Assunção, no dia 24 de setembro (foto 2). Uma abençoada missão mariana teve lugar na Paróquia Santíssimo Sacramento da Recoleta, também na capital, nos dias 29 e 30 de agosto (fotos 3 a 6).





Fotos: Elyton de Araújo



Eduardo Injoque





Mary Carmen González



Fotos: Marta Lucília Sousa

Diocese de Bragança Paulista (SP) – Entre os dias 21 e 24 de setembro, o Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP, pregou o retiro anual do clero da diocese, realizado no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba, com a presença de Dom Sérgio Aparecido Colombo e mais de oitenta sacerdotes (fotos 1 e 2). Dias depois, na festa dos três Arcanjos, a Paróquia Nossa Senhora das Graças consagrou-se a São Miguel durante a Santa Missa na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (foto 3). Também nesse período, os fiéis da Capela Santa Inês, da mesma paróquia, receberam em suas casas e comércios a visita da imagem da Santíssima Virgem (fotos 4 a 6).





Jano Aracena

Peru – No dia 12 de setembro, a Paróquia Nossa Senhora do Carmo da cidade de Pimentel, Diocese de Chiclayo, recebeu a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, ocasião em que muito fiéis puderam realizar sua consagração como escravos de amor a Maria Santíssima, segundo o método de São Luís Grignion de Montfort.

Peregrinando pelas basílicas romanas

Viajemos juntos, caro leitor, à cidade dos mártires e deixemo-nos encantar pelos esplendores da Esposa Mística de Cristo manifestos em seus templos.



Sara María Gutiérrez Fernández

"Que alegria quando me vieram dizer: 'Vamos subir à casa do Senhor…'" (Sl 121, 1). Essas palavras, ditas pelo salmista a respeito de Jerusalém, sede do culto religioso no Antigo Testamento, aplicam-se a um dos costumes mais tradicionais do Cristianismo: a peregrinação.

Nascida da devoção dos fiéis aos santuários e lugares sagrados, a peregrinação constitui um ato de piedade muito apreciável, realizado em expiação de uma culpa, para impetração de graças especiais ou em cumprimento de algum voto. As mais antigas destinavam-se, em geral, à Terra Santa, onde Nosso Senhor Jesus Cristo viveu, morreu e ressuscitou para nossa salvação. Com a expansão da Fé e a edificação de igrejas pelo mundo afora, outros locais passaram a ser visitados, entre os quais se destacou a capital romana, cidade do Sucessor de Pedro e receptáculo das relíquias dos Apóstolos, tornando-se um dos destinos mais concorridos, com grande fruto espiritual para todo o Corpo Místico de Cristo.[1]

Ora, o longo e intenso curso das peregrinações à Cidade Eterna, que acabou rendendo aos peregrinos o título de *romeiros*,[2] enriqueceu-se no século XVI com a colaboração de São Filipe Néri, famoso entre seus contemporâneos por sua contagiante alegria no serviço de Deus e das almas. Esse santo varão inaugurou um itinerário conhecido como *visita às sete igrejas*, que percorre as basílicas mais importantes de Roma numa longa caminhada, entremeada de meditações sobre a Paixão de Cristo e de aprazíveis merendas.

Você, estimado leitor, gostaria de conhecer um pouco esses históricos e abençoados templos romanos, e participar de algum modo das graças próprias das peregrinações? Convido-o a empreender, nestas linhas, uma viagem à terra dos mártires. Como o espírito está livre das limitações da distância e do tempo para voar até onde deseja, realizemos juntos o itinerário popularizado por São Filipe Néri.



Przemek Pietrak (CC by-sa 3.0)

Apreciemos, na Basílica de São Pedro, a magnificência da Esposa Mística de Cristo

Baldaquino sobre o Altar da Confissão - Basílica de São Pedro

Beleza deslumbrante e acolhedora

De início, caminhemos rumo à Basílica de São Pedro, edificada no mesmo local onde, no ano 64 d.C., o primeiro Pontífice foi crucificado de cabeça para baixo, por não se considerar digno de morrer como Nosso Senhor.

Conta-se que, por volta do ano 80, o Papa Anacleto construiu uma pequena capela sobre o sepulcro do Príncipe dos Apóstolos, substituída no século IV por uma grande basílica erigida pelo Imperador Constantino e por sua mãe, Santa Helena. Já entre os séculos XV e XVII,

Sumário



Thaler Tamas (CC by-sa 4.0)

NikonZ7II (CC by-sa 4.0)

A Basílica de São Paulo encanta pelos imponderáveis do espírito do ardoroso arauto de Cristo; a Basílica de São Sebastião tem, em seu alicerce, as bênçãos de seu padroeiro

Nave central da Basílica de São Paulo Fora dos Muros; em destaque, fachada da Basílica de São Sebastião Fora dos Muros

essa segunda construção paleocristã deu lugar ao templo renascentista que hoje contemplamos, cujo quarto centenário de dedicação se comemora no dia 18 de novembro deste ano. Atualmente, é o templo católico com maior área interna construída: 15.160 metros quadrados.

Atravessemos a imensa praça, presidida pelo obelisco – um monólito de granito vermelho de mais de vinte e cinco metros de altura, proveniente do Egito, que funciona como relógio de sol – e circundada pela colunata de Bernini, que evoca as chaves do Céu e da terra confiadas pelo Divino Redentor ao Chefe da Igreja (cf. Mt 16, 18-19). Penetremos no santuário, apreciando a magnificência da Esposa Mística de Cristo refletida em suas proporções e em seus mosaicos, imagens, tapeçarias, pedras…

No alto das paredes, notamos uma faixa dourada que percorre todo o perímetro da basílica, contendo passagens da Escritura relativas ao Apóstolo Pedro, escritas em latim e grego.

Chegados diante do Altar da Confissão, destacado pelo grandioso baldaquino central, rezemos por alguns instantes. As mais valiosas relíquias presentes nesta basílica encontram-se nos quatro nichos das paredes que o circundam. Entre elas está um fragmento da Santa Cruz, encontrada por Santa Helena, o véu da Verônica e a lança de São Longinos.

Sob o altar papal, na região da Necrópole Vaticana, podemos venerar as relíquias de São Pedro, às quais prestamos, antes de seguir caminho, um profundo ato de devoção.

Já de volta ao piso superior, levantando os olhos contemplamos, ao fundo, o vitral do Divino Paráclito e, abaixo dele, a autêntica cátedra do primeiro Papa, sustentada por quatro imagens de bronze representando Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo e Santo Atanásio.

Ameno convívio com o Apóstolo das gentes

Continuemos nossa peregrinação rumando para a Basílica de São Paulo Fora dos Muros.

Antes de conhecermos esse segundo templo, notemos que, mais uma vez, o edifício não é o mesmo de outrora, também erigido por ordem de Constantino e consagrado pelo Papa São Silvestre I por volta do ano 330. Após um incêndio devastador, ocorrido em 1823, a basílica teve de ser reconstruída. Contendo, entretanto, ainda intactos, os restos mortais do Apóstolo das gentes, o novo edifício encanta visitantes do mundo inteiro com seus imponderáveis suaves e majestosos, e transmitir-nos-á certamente algo do espírito do ardoroso arauto de Cristo.

Avancemos então pelo átrio que precede a entrada, em cujo centro se ergue uma imagem de São Paulo. Porte majestoso, olhar recolhido, espada em punho: sua figura denota, ao mesmo tempo, piedade e combatividade, mansidão e audácia, castidade e intransigência, virtudes harmônicas que toda alma batizada deve admirar. Essa impressão, aliás, acentua-se quando, ingressando no santuário, o peregrino se aproxima do baldaquino que cobre o altar principal, em estilo gótico. Este indica o local mais sagrado da basílica: o sepulcro do Apóstolo nas nações.

Neste ponto de nossa peregrinação, São Paulo está disposto a atender todas as nossas preces. Façamo-las com confiança.

Venerando as relíquias de um soldado de Cristo

Retomando nosso percurso, caminhemos um pouco pela Via Ápia, um dos principais caminhos que conduziam à capital do antigo Império Romano.

Estamos repetindo o percurso de Pedro quando, temeroso, decidiu fugir da Cidade Eterna para evitar a morte. A meio caminho, o Divino Mestre apareceu-lhe e, ao ser perguntado pelo Apóstolo para onde ia, respondeu: “Vou a



NateBergin (CC by 4.0)



Vlad Lesnov (CC by 3.0)

A Basílica de São João de Latrão, o mais antigo templo católico de Roma, é a mãe de todas as igrejas; na Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, encontramos tesouros inestimáveis da Paixão de Cristo

À esquerda, fachada da Basílica de São João de Latrão; à direita, altar-mor da Basílica da Santa Cruz de Jerusalém

Roma, para ser novamente crucificado". Fortalecido por essa visão, o Pontífice arrependeu-se e retornou à Urbe, pronto a entregar a vida pelo Redentor.

À beira da estrada, mais adiante, encontra-se a catacumba de São Sebastião, soldado romano cristão, martirizado pelo Imperador Diocleciano no fim do século III. Sobre esse cemitério subterrâneo, que recebeu os restos mortais do santo mártir, ergue-se a basílica a ele dedicada, onde veneramos alguns instrumentos utilizados em seu martírio: uma flecha que transpassou seu corpo e uma parte da coluna a que foi atado.

Mãe de todas as igrejas

Nosso próximo destino é a Basílica de São João de Latrão, o mais antigo templo católico de Roma, considerada por isso a *mãe de todas as igreja*s.

Construída num terreno outrora pertencente à família Laterani – nome do qual deriva o epíteto *Latrão* –, a catedral de Roma que agora visitamos, juntamente com os edifícios que a cercam, já foi residência do Papa e da cúria, bem como sede de cinco concílios ecumênicos.

Este precioso santuário entesoura os crânios de São Pedro e de São Paulo, além de um altar de madeira, guardado dentro do altar principal, sobre o qual esses dois grandes Apóstolos celebraram o Santo Sacrifício, segundo narra a tradição. Portanto, estimado peregrino, esta é uma basílica propícia para pedirmos um acréscimo de fé e piedade eucarística. Genuflexos diante desses tesouros da Cristandade, elevemos ao Céu nossas preces.

Santuário da Cruz

Avançando um pouco mais, visitemos a Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, que conserva diversas relíquias da Paixão do Salvador, como fragmentos do Santo Lenho, um dos cravos que perfuraram os membros de Jesus, a sagrada esponja com que Ele recebeu o vinagre, e parte do *titulus crucis*, o letreiro afixado sobre o madeiro com a inscrição INRI – *Iesus Nazarenus Rex Iudæorum*.

Todas essas relíquias encontram-se numa capela localizada no fundo desta basílica, chamada *Santuário da Cruz*. À sua entrada, antes de adorarmos os instrumentos da Paixão, veneremos também parte da cruz de São Dimas, o bom ladrão, excelente intercessor para nos obter do Cordeiro Divino o completo arrependimento de nossos pecados e o dom supremo da salvação eterna.

Antes de partir, percorramos o restante do templo e acompanhemos, nas pinturas que o adornam, a história da descoberta do Santo Lenho por Santa Helena. Executadas no século XV, essas obras de arte apresentam cenas como a do encontro da sagrada relíquia entre as escavações e a da ressurreição de um jovem cujo cadáver fora posto sobre ela.

Basílica de um herói da Fé

Próximos ao fim de nosso itinerário, detenhamo-nos diante de uma coluna encimada por uma imagem de São Lourenço. Ele indica nossa chegada à Basílica Patriarcal de São Lourenço Fora dos Muros, onde repousam as relíquias do santo diácono, cruelmente martirizado numa grelha em 10 de agosto de 258.

Narra a tradição que, em certo momento do suplício, Lourenço disse ao verdugo: "Já estou bem assado deste

lado. Dá-me a volta”.[3] Brado heroico, sem dúvida, de uma alma que levou o amor a Jesus Cristo até as últimas consequências!

Que esse herói da Fé nos obtenha de Deus a graça de imitarmos suas virtudes no serviço da Santa Igreja.

Junto a Maria e ao Menino Jesus

Nossa peregrinação culmina, finalmente, na Basílica de Santa Maria Maior, primeira igreja mariana da Cristandade.

Erigida no local determinado pela própria Mãe de Deus – revelado em sonhos ao Papa Libério e a um rico senador chamado João, numa noite de agosto do século IV –, esta basílica porta uma graça especial. Nossa Senhora pediu a esses dois varões que edificassem um templo em sua honra no terreno onde nevasse naquela noite, em pleno verão romano… No dia seguinte, o lugar elegido pela Virgem estava totalmente coberto de neve. Esse milagre, aliás, está representado nos valiosos mosaicos que podemos admirar através dos arcos da galeria.

Desçamos pela escadaria junto ao altar-mor, até a Cripta da Manjedoura Sagrada. Aqui, no coração da basílica, veneremos as tábuas do presépio de Jesus e degustemos um pouco da presença e da doçura do Divino Infante, rogando-Lhe que nos abençoe no fim desta peregrinação.

Antes de sairmos, porém, passemos pela Capela Paulina, na nave lateral esquerda, onde se encontra um precioso ícone da Santíssima Virgem, atribuído a São Lucas Evangelista: *Salus Populi Romani*, a porta da salvação não só para o povo romano, como para o mundo inteiro.

Na diversidade dos templos, um só espírito

Enquanto nosso espírito regressa, saudoso, aos labores da vida cotidiana, façamos uma derradeira meditação sobre tudo o que consideramos no decorrer destas linhas.

A Santa Igreja Católica Apostólica Romana é, como comenta Dr. Plinio Corrêa de Oliveira, “uma alma imensa, que se exprime através de mil coisas, que tem movimentos, grandezas, santidades e perfeições, como se fosse uma só alma que se exprimiu através de todas as igrejas católicas do mundo”.[4] E, em nossa peregrinação, contemplamos como que um álbum de fotografias que tornou mais nítida aos nossos olhos a santidade, a grandeza e a magnificência da Esposa Mística de Cristo, da qual somos filhos.

Ora, se somos filhos da Igreja, devemos estar sempre imbuídos de seu espírito, que se traduz especialmente na seriedade em face das lutas da vida terrena, na constante elevação de pensamento, na prática da justiça, a qual consiste em dar a cada um o seu devido valor, e da sabedoria, que nos leva a considerar tudo pelo prisma da vontade divina.

Oxalá, pelas preces de Maria Santíssima, assimilemos de tal forma esse espírito que, no fim de nossa peregrinação neste mundo, possamos exclamar, parafraseando São Paulo: “Já não sou eu quem vivo, mas é o Corpo Místico de Cristo que vive em mim!” (cf. Gl 2, 20).

---

[1] Cf. VICCHI, Roberta. *Las basílicas mayores de Roma*. Florencia: Scala, 1999, p.5-6.

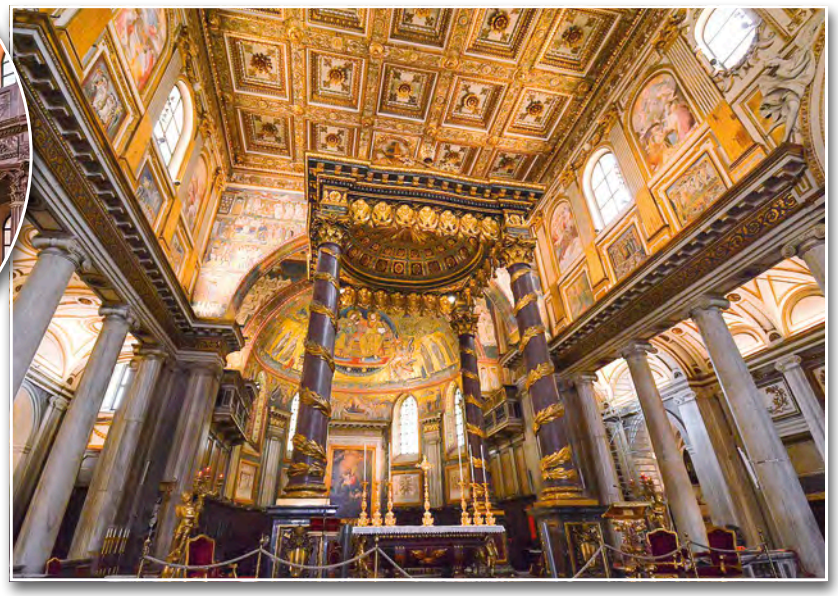
[2] Cf. ibid., p.6.

[3] LANZI, Fernando; LANZI, Gioia. *Atlas de las peregrinaciones. Santuarios cristianos del mundo.* Madrid: San Pablo, 2005, p.80.

[4] CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Amor à Igreja. In: *Dr. Plinio.* São Paulo. Ano II. N.15 (jun., 1999), p.21.



NateBergin (CC by 4.0)



Mentnafunangann (CC by-sa 4.0)

Na Basílica de São Lourenço louvamos o célebre mártir; em Santa Maria Maior, a Porta da Salvação para o mundo inteiro

Acima, interior da Basílica de São Lourenço Fora dos Muros; à direita, altar-mor da Basílica de Santa Maria Maior

A riqueza dos pobres

Não seria melhor arrancar o ouro dessa igreja a fim de transformá-lo em víveres para os necessitados? São Francisco de Assis responde.



Ângelo Francisco Neto Martins

Ao contemplarmos as fotos que ilustram estas páginas, logo nos assalta a ideia de uma magnificência escachoante e quase excessiva. Diríamos até que estamos diante de uma guerra civil de cores!

O azul escalou o teto e se assenhoreou dessa posição. Mas nervuras policromadas e estrelas douradas se insurgem, abrindo nele numerosas brechas. Mais à frente, a cor do céu bate em retirada ante o ouro de enormes medalhões com figuras sagradas.

Nas paredes, as colunas não se contentam com um só tom e fazem a perigosa mistura de anil e vermelho. Já os afrescos, de lado a lado, de alto a baixo, porfiam por cada metro quadrado e parecem empenhados no concurso de ser, cada qual, o mais vivaz. Eles só não se ofuscam mutuamente porque todos são pinturas de Giotto, um dos maiores artistas da História. As cores, irrequietas, extravasam das pedras e invadem as janelas: são os vitrais, que disputam e ressaltam o esplendor das paredes.

Todo esse fragor colorido tornar-se-ia uma guerra civil, de fato, se a largura da nave e a altura das ogivas não fizessem uma clareira suficientemente espaçosa para albergar, em fraternal convívio, tanta tinta e beleza.

* * *

Tal exuberância nos patenteia uma verdade: quem construiu esta igreja procurou edificar um degrau para o Céu.

Mas… e os pobres? Não seria melhor arrancar o ouro do edifício a fim de transformá-lo em víveres para os necessitados? Por que não tornar essas pedras em pão para o esfomeado?

Ao tentador, que Lhe fizera análoga proposta, Nosso Senhor Jesus Cristo respondeu que "não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4, 4). E da boca de Deus procede não apenas a Revelação que se imprimiu na Bíblia, como também a que se condensou nas criaturas.

Com efeito, a criação é um livro que fala de seu Artífice. As criaturas são outras tantas palavras do Onipotente e, por mais mudas que sejam, elas "narram a glória de Deus" (Sl 18, 2). Por isso São Francisco de Assis convidava o universo material a honrar o Invisível: "Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, o qual […] de Ti, Altíssimo, traz o significado".[1]

E, sendo assim a criação um compêndio de metáforas de Deus, o *Poverello* ordenou aos seus filhos mendicantes que construíssem as igrejas e ornassem o culto da mesma forma como o Eterno criou o universo: formosa, magnífica e desmedidamente.

O espaço sagrado se tornaria um espelho da Beleza Incriada e um tabernáculo condigno da Eucaristia: "Se em algum lugar", escrevia o Santo de Assis, "o Santíssimo Corpo do Senhor estiver muito pobremente colocado, de acordo com as prescrições da Igreja, seja por eles colocado com destaque em lugar precioso e seja levado com grande veneração".[2] Por isso, "devem ter preciosos os cálices, corporais, ornamentos do altar e tudo o que se refere ao sacrifício".[3]

Mandava, em suma, que se imitasse o modelo já posto por Deus, a Jerusalém Celeste, da qual se diz que se "assemelhava seu esplendor a uma pedra muito preciosa, tal como o jaspe cristalino" (Ap 21, 11).

Honra e mérito aos franciscanos que ouviram seu pai e levantaram este templo! Não se deram ao trabalho – insano, aliás – de dar ao indigente a única

Gustavo Kralj



Basílica de São Francisco de Assis (Itália)

coisa de que ele não precisa: um lugar miserável. Isso já lhe sobra em casa…

Fizeram, pelo contrário, uma igreja rica para os pobres.

* * *

Sim, para os pobres! Em primeiro lugar, para aquele que se tornou o pobre por antonomásia, São Francisco, cujo corpo repousa em seu lar, nesta basílica de Assis. E, ao lado dele, há espaço para todos os demais.

Pois a igreja é o palácio do Rei dos reis, aberto tanto ao mais nobre dos príncipes quanto ao mais pobre dos indigentes. Ela admite todos os fiéis, pequenos e grandes. Mas – sublinhemos – é um palácio, porque é um ambiente destinado a falar do Céu, como lugar privilegiado para se entrar em contato com Deus.

---

[1] SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Cântico do irmão sol ou Louvores das criaturas. In: *Fontes franciscanas*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p.104.

[2] Idem. Carta aos custódios (primeira recensão). In: *Fontes franciscanas*, op. cit., p.109.

[3] Ibid.



Cristo abençoando - Sainte-Chapelle, Paris

Lúcio César Rodrigues

O Reino de Cristo nas almas

Não houve, nem jamais haverá um só monarca dotado da capacidade de governar o interior dos homens, além de bem conduzi-los na harmonia de suas relações sociais, seus empreendimentos, etc. O único Rei pleníssimo de todos os poderes é Cristo Jesus.

Por meio do Evangelho e sobretudo ao erigir a Santa Igreja, Mestra infalível da verdade teológica e moral, Jesus perpetua até o fim dos tempos o imorredouro tesouro doutrinário da Fé. Através dessa magna instituição Ele orienta, ampara e santifica todos os que nela ingressam, e vai em busca das ovelhas desgarradas. Aqui precisamente se encontra o principal de seu governo neste mundo: o Reino sobrenatural que é realizado, na sua essência, através da graça e da santidade.

É através da graça que nossa alma se transforma num verdadeiro trono e, ao mesmo tempo, cetro de Nosso Senhor Jesus Cristo. E é nessa paz e harmonia que se encontra nossa autêntica felicidade, e esse é o Reino de Cristo em nosso interior.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Sumário